



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS V
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

LISANDRA CAROLINE DE ARAÚJO LIMA TEIXEIRA

**A INFLUÊNCIA DO NEO-EURASIANISMO NA POLÍTICA RUSSA: DAS
ORIGENS ÀS CRÍTICAS**

**JOÃO PESSOA
2018**

LISANDRA CAROLINE DE ARAÚJO LIMA TEIXEIRA

**A INFLUÊNCIA DO NEO-EURASIANISMO NA POLÍTICA RUSSA: DAS ORIGENS
ÀS CRÍTICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharelado em Relações Internacionais.

Área de concentração: Política Internacional.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Rodrigo Ferreira Nobre.

JOÃO PESSOA
2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

T266i Teixeira, Lisandra Caroline de Araujo Lima.
A influência do neo-eurasianismo na política russa
[manuscrito] : das origens às críticas / Lisandra Caroline de
Araujo Lima Teixeira. - 2018.
68 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações
Internacionais) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, 2018.

"Orientação : Prof. Dr. Fábio Rodrigo Ferreira Nobre ,
Coordenação do Curso de Relações Internacionais - CCBSA."

1. Neo-Eurasianismo. 2. Rússia. 3. Revisionismo. 4.
Alexander Dugin.

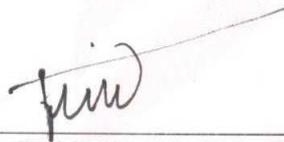
21. ed. CDD 327.1

LISANDRA CAROLINE DE ARAÚJO LIMA TEIXEIRA

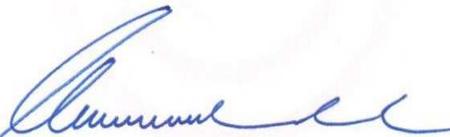
A INFLUÊNCIA DO NEOEURASIANISMO NA POLÍTICA RUSSA: DAS ORIGENS ÀS
CRÍTICAS

Monografia apresentada ao Curso de Relações
Internacionais da Universidade Estadual da
Paraíba.

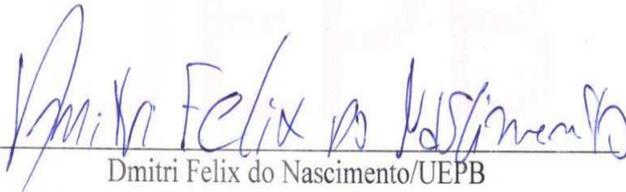
Aprovado(a) em 11 / 06 / 2018.



Fábio Rodrigo Ferreira Nobre/UEPB
Orientador(a)



Alexandre César Cunha Leite/UEPB
Examinador(a)



Dmitri Felix do Nascimento/UEPB
Examinador(a)

RESUMO

A Rússia vem a cada dia ganhando maior destaque no cenário internacional, se transformando em um polo de projeção e influência regional, retomando uma posição até então perdida no vácuo de poder instaurado após a queda da URSS. É nesse último século, com a liderança do presidente Vladimir Putin, que muda seu posicionamento político institucional, suas relações internacionais e endurece sua geopolítica. O trabalho tem como objetivo principal analisar a influência da teoria neo-eurasiana retomada pelo cientista político russo Alexander Dugin nesse reordenar da política interna e externa russa, observando características da teoria que coincidem com as políticas adotadas por Putin, como a necessidade da reafirmação da identidade russa e valores nacionais, do expansionismo para reaver o espaço e poder russo regional/global e , ainda, alianças estratégicas para contenção, do que chama Dugin, do poder atlantista unipolar. O método utilizado é qualitativo a partir da meta análise. Como resultados considera-se que há similaridades entre as políticas adotadas, tomadas de decisões e discursos proferidos pelo presidente Putin, com a teoria neo-eurasiana exposta por Dugin.

Palavras-Chave: Alexander Dugin. Neo-Eurasianismo. Rússia. Revisionismo.

RESUMÉ

La Russie gagne chaque jour plus grande attention sur la scène internationale, se transforme dans un pôle de projection et d'influence régionale, elle reprend sa position jusque là perdue pendant la vacance du pouvoir instauré après la chute de l'URSS. Il est sur ce dernier siècle, avec le leadership du président Vladimir Putin, que la Russie change son positionnement politique institutionnel, ses relations internationales et endurecissent sa géopolitique. Le travail a comme objectif principal analyser l'influence de la théorie néo- eurasiennne reprise pour l'analyste politique russe Alexander Dugin sur ce réaménagement de la politique nationale et extérieure russe, en observant les caractéristiques de la théorie qui correspondent avec les politiques adoptées pour Putin, comme la nécessité de réaffirmer l'identité russe et les valeurs traditionnelles, de l'expansionnisme pour récupérer l'espace et le pouvoir russe régional/global et, encore, des alliances stratégiques pour contenir, comme Dugin cite, le pouvoir atlantiste unipolaire. La méthode utilisée est qualitative détaillée de la littérature. En résultat, il est considéré qu'il y a des similarités entre les politiques adoptées, prises de décisions et discours prononcés par le président Putin, avec la théorie néo- eurasiennne exposée pour Dugin.

Mots-clés: Alexander Dugin. Néo- Eurasiste, Russie. Révisionnisme.

SUMÁRIO

	CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	13
1	CAPÍTULO 1 – ALEXANDER DUGIN E A RETOMADA DO EURASIANISMO.....	24
1.1	DO EURASIANISMO CLÁSSICO AO NEO-EURASIANISMO.....	26
1.2	O PESO DA INFLUÊNCIA GEOPOLÍTICA E O <i>HEARTLAND</i>	29
1.3	O PESO DE DUGIN NA POLÍTICA RUSSA.....	30
2	CAPÍTULO 2 - A PROBLEMÁTICA DO NEO-EURASIANISMO.....	32
2.1	O INIMIGO <i>ATLANTISTA</i>	33
2.2	AS PAN-REGIÕES E AS ALIANÇAS ESTRATÉGICAS RUSSAS.....	34
3	CAPÍTULO 3 - A ALTERNATIVA GLOBAL DA QUARTA TEORIA POLÍTICA	37
3.1	MULTICULTURALISMO E MULTIPOLARIDADE.....	43
4	CAPÍTULO 4 – CRÍTICA AO AUTOR E SUA OBRA.....	47
4.1	NEO-EURASIANISMO, UMA IDEOLOGIA FASCISTA?.....	47
4.2	NEO-EURASIANISMO E A IGREJA ORTODOXA.....	50
4.3	DUGIN E O OCULTISMO INGLÊS.....	51
5	DUGIN: O CÉREBRO DE PUTIN?.....	54
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
	REFERÊNCIAS.....	65

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho tem como objetivo descrever a política externa russa atual e seu reposicionamento no Sistema Internacional contemporâneo pós-Guerra Fria, a partir da influência da teoria política neo-eurasianista russa, principalmente retomada pelo cientista político russo *Alexander Dugin*, seu desenvolvimento teórico e influência no cenário político doméstico russo, chegando até os círculos oficiais da presidência russa nos últimos governos do presidente *Vladimir Putin*. Partimos, então, desde o desenvolvimento histórico da Rússia, o surgimento do eurasianismo até o fim da bipolaridade e o retomar geopolítico russo.

A partir do século IX, ainda durante sua formação, o território correspondente à ‘Rússia’ situava-se entre a floresta do leste Europeu, mais especificamente entre o Báltico e o Rio *Volga*. Antes da época imperial, de acordo com Denis Shaw (2006), mais tarde no século XVII, o território russo já se estendia do Báltico para a Eurásia e para o Pacífico, do Oceano ártico para o norte até o Mar negro no Sul, o que para Shaw corresponde a praticamente o território da Federação Russa atual.

A Rússia foi formada por nômades forasteiros vindos da Escandinávia ou eslavos (entre vários outros grupos), dos quais os ucranianos e bielorrussos descendem. Maior parte dessa população era camponesa (continua então até a Revolução de 1917) plantavam soja e outros mantimentos. Apesar de todo território registrar longos invernos, curtos verões e, baixas temperaturas, dependendo de região para região; sendo, então, a agricultura restrita na maioria das regiões.

Para J.M Roberts (2003) não há uma certeza sobre a origem da etnia ‘*Rus*’ ou eslava, terras como a Rússia foram povoadas a partir de nômades e grandes movimentos populares. A “Kiev dos *Rus*”, como afirma Robert (2003), é um território conquistado sobre os eslavos, onde se tornou maior centro de comércio local. Foi no século XI, que é considerada a época de ouro de uma jovem Rússia, *Kiev Rus*, segundo Simon Franklin (2006), uma era de autoridade exercida a partir de Kiev “ [...] uma terra unificada aproveitando relativamente de uma economia estável e próspera com segurança militar como um dos primeiras e melhores florescimentos de uma nova cultura Cristã. ” (p.73,2006) ¹; de acordo com Franklin (2006) muitos historiadores consideram como a raiz da tradição política russa.

Apenas a partir do século XVI que se começa a ocupar o território da Sibéria, durante o império de *Ivan, o terrível*, sendo importante para o acesso russo ao pacífico. Para Shaw

¹ Tradução própria do Inglês: “[...] *unified land enjoying relatively unbroken economic prosperity and military security along with the first and best flowerings of a new native Christian culture.* ” (p.73,2006)

(2006) pode-se observar que embora a Rússia fosse império que fazia fronteira com a Europa ao oeste, ainda assim era um Estado único que possuía seu território tanto na Europa quanto ao longo da Ásia, o qual se deu por meio de colonização a partir do ‘Estado’, em busca de poder e recursos.

Para o autor a expansão russa para a Ásia resultou em uma considerável influência no desenvolvimento russo criando, assim, conexões, também com o oriente através da expansão para Sibéria. A ‘colonização’ russa, ao contrário do que acontece com os outros países europeus, acontece em um território único. Outra questão citada é a criação da Igreja Ortodoxa Russa, que possibilitou um bloqueio da influência católica europeia na Rússia. Apenas a partir do governo de Pedro, “o grande” que houve uma maior aproximação com a Europa.

A questão de identidade e nação sempre foi um assunto contestado na Rússia, como um país multiétnico, relações de imposição não são fatos isolados. Mark Bassin (2006) afirma que há três identidades imperiais na história russa. A primeira, (i) a Rússia como um império europeu com a governança de “Pedro, o grande” que possuía um projeto de europeização da Rússia, afirmando que a Rússia fazia parte da Europa e ‘levando’ a Rússia para o jogo de Estados do Ocidente se aproximando do Império dos Habsburgos.

A Rússia seria, então, dividida em duas a parte oeste (Occidental) e leste (Oriental), as partes seriam divididas pela região do Ural; na visão de Pedro, a parte leste a ser colonizada era vista como exótica, não-russa ou eslava, para Bassin “ O colonialismo do Oeste Europeu é sugerido pelo comparações entusiastas de Lomonosov do Rio Lena ao Nilo, ou ainda, mais precisamente pelas referências comuns a Sibéria nos séculos dezoito e dezenove como ‘nosso Peru’, ‘nosso Mexico’, um ‘Brasil russo’, ou ainda ‘nossa pequena India’.” (p.47-48, 2006).²

A preocupação sobre a europeização da Russia tornou-se central nos reinados de Pedro e “Catarina, a grande”; prova a forte diferenciação que existe na Rússia entre ocidente e oriente. Portanto, o objetivo de Pedro era levar a Rússia ao progresso, seguindo os moldes europeus, tornando esse objetivo um destino da nação, também levando cultura e civilização para os povos mais a leste, tidos “selvagens”. A Rússia seria, então, representação da civilização européia na Ásia, ocupando uma posição intermediária entre Ásia e Europa.

O segundo ponto trabalhado por Bassin (2006) (ii) refere-se a Rússia como um contra império europeu, contra qualquer tipo de europeização, parte do suposto que a Rússia não

² Tradução própria do Inglês: “ *West European colonialism is suggested by Lomonosov’s enthusiastic comparisons of the Lena River to the Nile, or yet, more pointedly by the common references to Siberia in the eighteenth and early nineteenth centuries as ‘our Peru’, ‘our Mexico’, a ‘Russian Brazil’, or indeed ‘our little India’.*” (p.47-48, 2006)

teria nada a compartilhar com a Europa e não deveria forçar-se a ser parte da mesma. De acordo com Mikhail Pogodin “ Nós temos um clima diferente..., um temperamento diferente, caráter, sangue diferente, uma fisionomia diferente, uma aparência diferente, uma diferente característica de mente, diferentes crenças, esperanças, desejos... Tudo é diferente. ” (POGODIN, apud BASSIN, p.51, 2006)³. Portanto, segundo o autor, a Rússia seria totalmente distinta do Ocidente e da Europa.

Apesar da afirmação de distinção da Europa, a Rússia se volta ainda à colonização asiática sob os mesmos pretextos civilizatórios, porém, comparada as colonizações europeias, seria vista como moralmente superior. Uma terceira identidade russa se baseia no Império nacional onde integraria e unificaria os diferentes espaços do império para uma política única e homogênea; incluindo etnias não russas e a ‘colônia’. Teria como objetivo centralizar o poder do *tsar* nas regiões mais longínquas do império. Seria, então, um projeto de “russianização”, segundo Bassin (2006), onde haveria uma assimilação de elementos não russos do império e instauração de uma cultura e poder da etnia russa.

Para Bassin (2006) outras teorias relativas a união das duas regiões russas foi desenvolvida após a Revolução Russa, como *Petr Savitskii* no desenvolvimento da teoria eurasiânica. Afirma também que a forma de colonização que tomou a Rússia pode ser vista como um excepcionalismo, cujo esses territórios seriam destinados à ocupação russa, que apenas estaria conquistando áreas contínuas.

Avançando para o século marcado por crises, o século XX. Com a abdicação do *tsar* Nicolai II em 1917 e o fim da dinastia dos *Romanov* um novo regime começa na Rússia, após anos de guerra civil. O envolvimento direto da Rússia na Primeira Guerra Mundial tem consequência direta para o fim do antigo regime monárquico russo. Com a crise social da época, falta de provimentos e crescentes greves de trabalhadores, o surgimento e crescimento de movimentos socialistas, crescia também a insatisfação geral da população contra a monarquia, essa responde com violência e mortes aos protestos.

Com uma crise econômica, refletida no corte de alimentos como o pão, uma crescente inflação ligada ao envolvimento da Rússia na Primeira Guerra Mundial. Membros do governo, imprensa, oficiais de polícia culpavam grupos de minoria como judeus e estrangeiros pela inflação que ocorria na Rússia com isso mais violência e perseguição a grupos minoritários foram geradas. O grande aumento da população também foi outro fator

³ Tradução própria do Inglês: “We have a different climate ..., a different temperament, character, different blood, a different physiognomy, a different outlook, a different cast of mind, different beliefs, hopes, desires... Everything is different.” (p.51,2006)

fundamental. No quesito militar, o sentimento anti guerra era forte entre soldados e a população, a oposição ao *tsar* era cada vez maior.

Em 1915, o exército russo sofre perdas de batalhas sucessivas na guerra isso possui bastante influência nos acontecimentos domésticos. Gerando, de acordo com Eric Lohr (2006), uma onda de refugiados de guerra para o interior da Rússia e uma série de expulsões de alemães e judeus do país, assim como vários *pogroms* contra judeus em zonas de batalha. Todos esses acontecimentos levam a uma maior descredito em relação à guerra, ao regime e ao *tsar*.

A queda do governo, segundo Lohr (2006), leva além da desintegração do Estado a desintegração das forças armadas, a revolução armada e, conseqüentemente, a movimentos nacionalistas de separação. Para o autor “ A Primeira Guerra Mundial não apenas trouxe o fim da monarquia Russa, mas também começou a criação revolucionário de um novo regime. ” (p.669, 2006)⁴.

Para Mark Steinberg (2006) os próprios movimentos socialistas da época se distinguiram entre si sobre questões como o “quão centralizado deveria ser o partido”, filosofias e táticas. Dois líderes foram fundamentais para esses movimentos Iulii Tserdbaum, *Matov*, e, Vladimir Ul’ianov, *Lenin*; guiados pelos ideais de democracia que o marxismo pode representar. Com o vácuo de poder central do *tsar* e a crescente violência de alguns grupos, temendo uma anarquia social, os *Mensheviks* (que possuem papel fundamental para o início da revolução comunista) querem a restauração da ordem e de um governo central, contrapondo os *Bolsheviks*.

A influência desses dois partidos e das ideias socialistas foram encontrando adeptos entre trabalhadores (principalmente trabalhadores industriais), estudantes; o que também foi aumentado com o crescente papel das instituições de cultura, escolas, teatro, o crescimento de organizações civis. Em suma, a simples ideia de direitos iguais, liberação da autocracia, de justiça social para uma população em crise e desacreditada do regime monárquico histórico e repressivo, foi suficiente inicialmente para o apoio dado aos socialistas, mesmo considerando que a maioria da população russa ainda era majoritariamente agrária, durante a época da Primeira Guerra numa proporção de 85 % e dentre esses a maioria era de não-russos, cita Steinberg (2006).

⁴ Tradução própria do Inglês: “*The First World War not only brought the end of the Russian monarchy but also began the revolutionary creation of a new regime*” (p.669, 2006)

Com a promoção de Nicolai II de um nacionalismo russo e a exclusão dessas minorias não russas, instigando até violência às comunidades judaicas, suprimia, então, qualquer forma de expressão étnica que não fosse russa. Para Steinberg (p.91, 2006) ⁵:

Vários grupos – Polacos, Ucrânianos, Finlandeses, Bálticos, Judeus, Georgianos, Armênios, Muçulmanos e outros – definem eles mesmos como ‘nações’ e organizam movimentos procurando autonomia cultural e talvez como uma nação-estado independente, embora muitos ativistas (especialmente socialistas) viram o reviver nacional e a emancipação melhor servida em causa comum com os russos para lutar por direitos civis e democracia para todos no império.

Depois de protestos sangrentos em fevereiro de 1917 contra o envolvimento da Rússia na Primeira Guerra Mundial e contra o *tsar* Nicolai II, o mesmo renuncia no mesmo ano, levando ao fim de um regime e da dinastia *Romanov*. Depois que os movimentos dos trabalhadores e soldados foram institucionalizados, refletindo na formação de cerca de 1429 *soviets* na Rússia, já representando 1/3 da população, segundo S. Smith (2006), entre eles soldados, camponeses, professores, jornalistas, médicos e representações de minorias étnicas.

A Guerra Civil de acordo com Raleigh (2006) gerou uma grande devastação econômica, emigração, e cerca de oito milhões de mortos, onde mais de cinco milhões eram civis; muitos morreram, também, de efeitos secundários da guerra como a fome devido à grande escassez de alimentos, para Robert (2003) “ Confiscar comida dos camponeses para alimentar as cidades provocou maior resistência ao regime (...) milhões morreram e os sobreviventes precisaram comer palha dos telhados, arreios de couro e até mesmo recorrer ao canibalismo.” (p.691-692, 1998). Com a crise, a Rússia pós revolução em seus primeiros momentos era mais frágil que a Rússia pré-revolução.

Após assumirem a instauração de um novo regime socialista na Europa, os *Bolcheviks* retiraram a Rússia da guerra através do tratado de *Brest-Litovsk* com a Alemanha que impõe condições punitivas para a Rússia. Depois de tirar o país da guerra decretaram o confisco de terras privadas da igreja, da coroa, grandes latifundiários, transferindo para o Estado e para o uso camponês, segundo Robert (2003) em alguns anos quinhentos milhões de acres de terra foram transferidos para camponeses, um motivo para apoiarem o novo regime.

⁵ Tradução própria do Inglês: “ *Many groups – Poles, Ukrainians, Finns, Balts, Jews, Georgians, Armenians, Muslims and others – defined themselves as ‘nations’ and organised movements seeking cultural autonomy and perhaps as independent nation-state, though many activists (especially socialists) saw national revival and emancipation best served in common cause with russians to fight for civil rights and democracy for all within the empire.*” (p.91, 2006)

Nos primeiros anos da URSS tanto *Lenin* quanto Stalin buscaram o desenvolvimento de instituições, tendo como objetivo criar um Estado forte e centralizado, multiétnico, segundo Donald Raleigh (2006), anti-imperial e socialista. Também foi criado, para o autor (2006), novos símbolos (substituindo os velhos mitos da era monárquica), novos festivais, nova moral e justiça, com o forte uso da propaganda.

O fim da era comunista representou para muitos historiadores uma época de violência semelhante à da criação da URSS; o fim ocorre entre os anos de 1985 e 1991, de acordo com Archie Brown (2006), nesse período a Rússia experimenta uma maior liberdade política que nunca houve experimentado. Para o autor “ O sistema soviético se moveu de ser altamente autoritário para essencialmente pluralista. Esse processo acabou com a desintegração do estado soviético, apesar até depois da união de cinquenta repúblicas serem separadas. ” (p.316, 2006)⁶.

O fim institucional foi relativamente pacífico, põe o autor (2006), Mickail Gorbachev, que já havia sido um membro do Comitê Central do Partido para inaugurar uma nova época na Rússia, agindo como um reformador de um sistema já em decadência, difere de líderes anteriores, Gorbachev, segundo Brown (2006) possuía uma aversão à violência, criando uma política doméstica e internacional a partir de seus “códigos” morais; lhe dava com um declínio no crescimento da economia, crescente taxa de mortalidade infantil e do alcoolismo, assim como a opinião pública sobre a Guerra do Afeganistão.

A própria Guerra no Afeganistão já estava se tornando insustentável, tanto economicamente, quanto por apoio popular. Gorbachev encoraja uma era de *democratização*, de maior tolerância a outras opiniões e visões de mundo, o que chama de democracia pluralista que cresce conjuntamente com a ideia de liberdade na então URSS. A mídia pouco a pouco abandonava termos atribuídos ao socialismo. A ênfase dada a mudança do regime é enfatizada na criação da *glasnost*, abertura e transparência do governo, e, *perestroika*, reconstrução e reestruturação.

Algumas liberdades, de acordo com Brown (2006) significou grandes avanços para a população que nunca havia experimentado, em uma época de ‘democratização’ e crescente tolerância qualquer tipo de religião, as crenças não mais era perseguidas. O jornalismo também desenvolve uma diversidade de pensamento, jornais conservadores, liberais, socialistas, além disso todos agora independentes e abrindo para novas ideologias, cujo o

⁶ Tradução própria do Inglês: “*The soviet system moved from being highly authoritarian to essentially pluralist. This process ended with the disintegration of the soviet state, although even after the fifteen union republics went their separate ways.*” (p.316, 2006)

regime pôde ser criticado e a história de atos contra a população ocorridas em governos anteriores, como o de Josef Stalin, são liberadas, aumentando a descrença da população em relação ao sistema em decadência.

Em 1991, vencendo as primeiras eleições com grande maioria dos votos Boris Yeltsin se torna o presidente da Rússia, marcando o fim da URSS e, logo, da Guerra Fria, aumentando relações com o Ocidente e com os Estados Unidos (EUA). Com a URSS não mais existindo, a proposta de Yeltsin levaria a construção de uma Comunidade de Estados Independentes. Para Michael Mcfaul (2006), aproveitando o vácuo de poder em Moscou na transição de poder, as repúblicas bálticas se tornam independentes e são seguidas por outras.

Yeltsin acaba com o uni partidarismo na Rússia, dando atenção especial para uma “desintegração pacífica” da URSS, consolidando um novo sistema democrático e uma nova economia, reformas chamadas de “terapia de choque”, privatizações massivas, desenvolvimento de um mercado competitivo, menor intervenção do Estado, ou seja, seguindo as ondas neoliberais em voga na época. Essa liberalização econômica gera, portanto, altos crescimentos nas taxas de inflação, de acordo com Mcfaul (2006) “ Em janeiro de 1994, 90.000 empresas estatais tinham sido privatizadas. ” (p.360, 2006)⁷.

Em 1993, outras repúblicas também declaram sua independência, o modo que Yeltsin lida com essas declarações é de violência e intervenções internas, em 1996 “ [...] uma estimativa de 45.000-50.000 de cidadãos russos tinha perdido suas vidas. ” (p.365, 2006)⁸. Em 1999, Yeltsin após sua nomeação como Primeiro Ministro nomeia Vladimir Putin como vice. A ascensão de Putin se dá em um momento de crise econômica gerada pelos “tratamentos de choque” e instauração de uma economia neoliberal, uma nova guerra na Chechênia e uma crescente impopularidade de Boris Yeltsin no governo, o mesmo escolhe Putin para substituí-lo como Primeiro Ministro em agosto de 1999.

Nas eleições Mcfaul (2006) afirma que “ [...] alguns outros acreditaram que Putin teve uma chance. Ele mostrou pouco carisma, não tinha partido político ou outro grupo de interesse por trás dele e nunca tinha concorrido para o cargo. [...] No final do ano, entretanto, sua popularidade subiu para bem acima de 70 por cento. ” (p.378, 2006)⁹. Putin ganha, então, mais popularidade com a guerra da Chechênia e como se colocava de forma distinta a Yeltsin.

⁷ Tradução própria do Inglês: “ *By January 1994, 90.000 state enterprises had been privatised.* ” (p.360,2006)

⁸ Tradução própria do Inglês: “[...] *an estimated 45.000-50.000 Russian citizens had lost their lives.* ” (p.365, 2006)

⁹ Tradução própria do Inglês: “[...] *Few others believed that Putin had a chance. He displayed little charisma, had no political party or other interest groups behind him and had never run for office. (...) By the end of the year, however, his popularity had soared to well above 70 per cent.* ” (p.378, 2006)

Mcfaul afirma “ Ele também era desconhecido, permitindo a população de Projetar em sua candidatura todo tipo de imagens e orientações. ” (p.373, 2006)¹⁰.

Andrei Tsygankov, professor na *San Francisco State University*, faz uma análise da história Russa e sua política externa elencando três teorias e ideologias russas que se repetem ao longo da formação russa, império, URSS, reordenamento, até os dias atuais. Para *Tsygankov* (2010) a descrição dessas três tradições russas ocidentalismo, estatismo e civilizacionismo, demonstra a necessidade nos estudos de relações internacionais da legitimação de teorias vindas não apenas de um núcleo tradicional anglo-saxão.

As três teorias desenvolvidas, que também são ideologias de Estado, têm seus estudos retomados após a desintegração da URSS. *Tsygankov* (2010) critica a superioridade institucional do ocidente e a produção de teorias que supostamente não teriam ideologias envolvidas, mas são ao mesmo tempo impostas ao resto do mundo, para o autor a teoria também é uma forma de dominação, sendo que no ocidente há um problema na construção do eu e do outro.

As bases ideológicas do ocidente, para o autor, estariam escondidas nas teorias das Relações Internacionais e em conceitos abstratos como democracia universal, imposta de forma única a uma diversidade plural de culturas gerando ainda mais autoritarismos e conflitos. Para *Tsygankov* (2010), ainda, a teoria reflete a percepção de cada nação do que é real de acordo com preferências ideológicas, sem necessariamente impor, e sendo guiada pelo interesse nacional. Portanto, as três teorias desenvolvidas foram formadas a partir da interação da Rússia com suas relações externas.

A primeira teoria, a *Ocidentalista*, defende que a Rússia é uma nação similar a outras nações europeias e ocidentais, se aproximando do Ocidente que seria mais ‘desenvolvido’ e ‘civilizado’. No império, pode ser visto claramente na política de ‘europeização’ da Rússia de Pedro, o grande e Catarina, a grande; onde os valores e desenvolvimento europeus deveriam ser conquistados e cada vez mais a Rússia deveria se aproximar da Europa, como nação européia. Pode também ser visto em Alexandre II nas ideias de liberdade e constituição aos moldes europeus para a Rússia.

No período soviético, *Tsygankov* (2010) afirma que pode ser visto essa tendência *ocidentalista* durante o governo de Gorbachev, onde procurava “purificar as distorções de Stalin” procurando uma versão mais humanista do socialismo, uma social-democracia, defendendo valores como democracia, Direitos Humanos e livre mercado para a Rússia.

¹⁰ Tradução própria do Inglês: “*He was also unknown, allowing people to Project into his candidacy all sorts of images and orientations.*” (p.373, 2006)

Outro governo “ocidentalista” pode-se enxergar em Boris Yeltsin no desenvolvimento de instituições liberais, nas privatizações em massa, o “tratamento de choque”, na defesa da ‘liberdade’ e na construção de uma Comunidade de Nações ‘civilizadas’.

O *ocidentalismo* possui ligações teóricas com teorias do Ocidente, como a teoria liberal, afirmando que após a Guerra Fria e a ‘vitória’ do ocidente uma democracia universal seria o ideal. Alguns liberais russos defendem o fim da eurásia e são contra política de integração da região, sendo defensores de políticas voltadas para a Europa e para os EUA, Tsygankov (2010) elenca que a teoria liberal russa é desenvolvida a partir do vácuo intelectual formado após a Guerra Fria e a desintegração da URSS, sendo fortemente influenciado pelas ideias vindas do Ocidente.

A teoria *estatista*, para o autor, refletiria num Estado Forte e independente capaz de preservar a ordem. Pode ser visto durante o período stalinista, onde para estabelecer o governo comunista e a centralidade de poder se afasta das relações com o ocidente, porém não necessariamente é contra o mesmo, enfatiza também o aspecto econômico e militar, além do controle sobre toda a sociedade. A teoria *estatista* também é uma interpretação do realismo russo, defendendo a consolidação russa internamente e no sistema internacional, mantendo sua segurança e desencorajado qualquer tipo de unipolaridade.

A teoria *civilizacionista* faz uma oposição cultural ao Ocidente, afirmando a Rússia como diferente do resto da Europa e do Ocidente. No império pode ser visto com Ivan, o terrível; no desenvolvimento de uma igreja ortodoxa sem interferências e diferente da igreja europeia romana. A partir dessa teoria a Rússia seria superior ao Ocidente, visto como decadente. Para Tsygankov (2010), a teoria eurásiana descende dessa corrente russa civilizacionista caracterizando a diferença russa, distinta tanto da Europa e do Ocidente, quanto do Oriente, sendo uma nação peculiar. A teoria eurásiana põe o ocidente e a Rússia como polos distintos e tendencialmente conflituoso.

O *civilizacionismo*, para Tsygankov, se assemelha no construtivismo, na formação e percepção do *self* e *other*. Alguns teóricos como Alexander Dugin afirmam uma tendência de bipolarização do mundo, a partir da divisão entre os *atlantista* (ocidente, Estados Unidos, Europa) e o *self* os eurásianistas que vão contra valores de homogeneização e imposição dos *atlantistas* ocidentais. Portanto, deveria restaurar o *status* geopolítico russo na região e integrar a Eurásia, tendo a Rússia como guia nesse processo.

Com todo o aspecto histórico abordado, as correntes do pensamento russo abordadas por Tsygankov (2010), principalmente a *civilizacionista*, nos leva a filosofia neo-eurásiana retomada no fim dos anos 90 e início desse século, centralizada na figura de *Alexander Dugin*,

cientista político, ativista e líder do Movimento Eurasiano Internacional, a sua teoria e influência na sociedade e governo russo, transportando para as tendências geopolíticas russas contemporâneas retratado tanto na política externa russa internacional e de reinserção de sua projeção de poder regional, quanto nas ações e discursos do presidente *Vladimir Putin*, que apresenta um pensamento forte e promessa de fazer a Rússia “grande” novamente em seu último mandato atual, de 2018 até 2024.

Portanto, pretende-se responder como a teoria neo-eurasiana desenvolvida centralmente por Dugin, é desenvolvida, retomada e popularizada, caminhando junto com os rumos de um novo redirecionamento russo pós Guerra Fria, saindo de uma crise política/econômica, passando por um vácuo de poder central e regional, sucessões de revoluções nacionais e desmembramentos, crise da adoção neoliberal no país, para uma retomada do nacionalismo e projeção russa em frente aos desafios contemporâneos, conflitos ,e, essencialmente, diante da presença da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e dos EUA em sua zona de influência.

A pesquisa nesses termos se faz relevante, a partir da necessidade dentro dos estudos de Relações Internacionais, em estudar determinado tema a partir não apenas de uma visão puramente ocidentalista, mais prioritariamente do ponto de vista estadunidense ou europeu do Sistema Internacional. Focando, também, em relação a Rússia, o neo-eurasianismo, seus atores, geopolítica, pensar através de suas próprias teorias, formas de pensamento, conceitos e correntes.

Ao se entender essa necessidade, a pluralidade de pensamentos teóricos globais que possuímos nos campos não apenas da Ciência Política, mas também de Relações Internacionais, seja ocidental ou russo, apreendemos o próprio pensamento da política russa e suas direções, a partir de seu próprio raciocínio.

Assim sendo o trabalho está dividido em cinco capítulos. Inicialmente no Capítulo um “ Alexander Dugin e a retomada do Eurasianismo” é trabalhado uma parcela de sua biografia, suas influências, desde de autores conservadores a geopolítica clássica e em como se dá a retomada e desenvolvimento da teoria eurásiana contemporânea, também é citado suas obras, contatos e participações em grupos políticos, assim como a construção da sua influência atual, seja no governo, na mídia ou para a população.

Posteriormente, no Capítulo dois e no Capítulo três respectivamente intitulados “ A problemática do Neo-Eurasianismo” e “ A Alternativa Global da Quarta Teoria Política”. Neles são apurados o desenvolvimento e a própria teoria neo-eurásiana desenvolvida por Dugin, a continuação do mesmo inimigo da Guerra Fria, os EUA, representando o atlantismo,

somado ao conservadorismo russo que como uma forma de ‘Destino Manifesto’ teria a obrigação geopolítica de barrar a imposição de poder e dominação ocidental, refletida na globalização e na liquidificação de todos os valores e identidades numa única cultura moderna ocidental.

Para Dugin, o mundo ainda continua e sempre foi historicamente bipolar, configurando-se como um conflito histórico entre potências do mar, talassocrática, e da terra, telussocráticas, onde a Rússia se enquadra. Para isso seria destinada não apenas a retomar seu lugar no cenário internacional e regional, como um polo de poder, mas responsável pela preservação dos valores tradicionais, pelo multiculturalismo e pela manutenção da multipolaridade do mundo, através do eurasianismo como uma Quarta Teoria Política (QTP), não apenas para Rússia ou para Eurásia, mas para ser encaminhada para o restante do globo.

Por fim, no Capítulo quatro são tecidas críticas de vários autores, teóricos e cientistas políticos, a obra *duginiana*, ao próprio sujeito e a sua pressuposta aplicação teórica na política russa, tal como comparações com a doutrina do pensador russo e sua figura com categorias e correntes conservadores da extrema direita fascista.

Por último, no Capítulo cinco nomeado “Dugin: o cérebro de Putin? ”, faz relação com várias denominações e comparações desse tipo. Aborda a própria influência da teoria neo-eurásiana nos últimos anos de geopolítica russa, analisando, também, posicionamentos de autor russo relacionado a acontecimentos políticos regionais, práticas oficiais do governo russo, e, concluindo, observações do endurecimento do discurso do presidente Vladimir Putin e semelhanças com o pensamento neo-eurásiano expansionista.

1 Capítulo 1- Alexander Dugin e a retomada do Eurasianismo

Com o fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) no início dos anos 90 e a perda da centralidade de poder russo tanto internamente, como refletido na crise em que se encontrava, e, regionalmente, nos países que antes constituíam a própria URSS. Com a reordenação política russa, podemos afirmar que houve também um reordenar do pensamento de Relações Internacionais e Geopolíticos nacionais. Isso resultou no surgimento de novas teorias políticas russas na tentativa de tentar explicar as razões da crise instaurada.

Assim como o vácuo de poder e o reordenamento, é determinado possíveis futuras diretrizes para o fazer político interno e externo russo, uma das novas teorias russas contemporâneas que mais se destacam é o *neo-eurasianismo* desenvolvido pelo cientista político, geopolítico, filósofo, sociólogo, jornalista e analista político russo *Alexandr Gelyevich Dugin*.

Alexandr Dugin nasce no ano de 1962, na capital Moscou, descendente de um oficial da inteligência russo e uma médica. A partir de sua adolescência é influenciado por uma gama autores tradicionalistas, pensadores de direita, geopolíticos, filosofia, misticismo, paganismo, do qual começa a ter contato com obras do italiano Julius Evola e o francês René Guénon, fazendo trabalhos de traduções do primeiro na época, além de participar de grupos de estudos conservadores.

Em 1987, se junta ao grupo ultranacionalista *Pamyat*¹¹, no qual fica de 1988 até 1989, saindo por conflitos internos com dirigentes, entra, então, na revista *EON*, ficando até 1991 como editor-chefe. No mesmo ano escreve para a revista de maior publicação nacional, *Den*, mais tarde *Zavtra*, utilizando da melhor forma os meios de comunicação como instrumentos para projeção do eurasianismo; como afirma Shekhovtsov e Umland (2009).

A partir de então começa a ter contato com a então criada Nova Direita Europeia (*Nouvelle Droite*) e com autores como o belga Jean- François Thiriart e o pensador francês Alain de Benoist. Em meados dos anos 90 participa do partido comunista russo, começando suas publicações em jornais e em 1993 entra para o Partido Nacional Bolchevique, sendo um de seus principais pensadores, concorrendo em 1995 a uma vaga na Assembleia Federal da Rússia (DUMA), perdendo, com menos de um por cento dos votos populares.

¹¹ *Pamyat*: Significa “Memória”, constitui-se como uma organização russa que durante a era comunista suportou Lenin, Stalin e a KGB por apoiarem a restauração e tradição russas, com restaurações de igrejas e obras; após o colapso da URSS a organização se aproxima mais da corrente de extrema direita e da Igreja Ortodoxa Russa, tomando um posicionamento mais forte anti- Ocidente, antiliberal, anti-modernidade e anti-‘decadência’; culpando os comunistas pela queda da Rússia e pelo sentimento anti-russo instaurado nos países bálticos.

Em 1997, Dugin lança um dos seus livros mais influentes, *Fundações da Geopolítica*, exercendo influência nos círculos intelectuais e, principalmente, militares russos, no Ministério da Defesa e usado nas escolas geopolíticas militares russos. O cientista político também apresenta considerável presença com contatos políticos da administração presidencial e da DUMA, como seus serviços prestados para o ex-presidente da DUMA Gennadiy Nikolayevich Seleznyov.

Dugin também mantém influência com assessores ocupados pela política externa russa nos governos de Dmitry Medvedev, de 2008 a 2012, e de Vladimir Putin, atual presidente da Rússia, também com o secretário Alexander Prokhanov entre os anos 93 e 94. É da mesma forma publicado em sites oficiais do governo, sendo considerado um dos maiores expoentes para uma reconstrução de uma nova geopolítica russa pós-Guerra Fria. Assim como foi, consoante Matos (2012), idealizador chefe do Departamento de Sociologia das Relações Internacionais da Universidade Estatal de Moscou e diretor do Centro de Estudos Conservadores, assumindo o posto de professor e diretor em 2008.

Para Umland (2010), Dugin faz parte do pensamento europeu antiocidental, contribuindo para esse cenário na Rússia. Filho de pais militares, Dugin frequenta escola militar, mas é expulso por motivo de “leituras” consideradas proibidas, como maçonaria, fascismo, paganismo, e intelectuais esotéricos. Ainda na adolescência entra para o grupo esotérico *Yuzhenskii*, que de acordo com Umland (2010) é uma mistura de misticismo oriental, magia negra, política fascista alemã e tradicionalismo. Dugin começa, então, a publicar em revistas europeias com ajuda de seu mentor: o escritor Yuri Mamleev. Dugin é característico por seu ativismo e participação em vários movimentos nacionalistas e revolucionários.

Em 2001, funda o partido eurasiático, posteriormente Movimento Eurasiático Internacional (MIE), do qual é líder até atualmente. Segundo Marlene Laruelle (2006) participam mais de 20 países entre eles, Cazaquistão e Turquia. Dugin possui mais de vinte livros publicados, entre eles *Conspirologia* (1992), *Revolução Conservadora* (1994), *Mistérios da Eurásia* (1996), *Fundamentos da Geopolítica* (1997), *A Filosofia da Guerra* (2004) e *Quarta Teoria Política* (2009).

Segundo os autores Shekhovtsov e Umland (2009), dois dos maiores críticos de Dugin, esse representa uma relevante influência na elite intelectual russa e em círculos acadêmicos e militares, sua influência de tradicionalistas como Guénon reflete em sua posição contra modernidade e a defesa de uma Revolução conservadora, mais à frente trabalhada, somada às referências da Nova Direta Europeia.

Pode-se destacar a oposição ao liberalismo e ao Ocidente, o misticismo e o ocultismo presentes em sua obra, incluindo a influência de Aleister Crowley que alguns autores como Shekhovtsov (2014), creditam à sua obra; a criação de novos “velhos” inimigos para a Rússia, a presença do revisionismo histórico e uma nova divisão bipolar do mundo. Dugin hoje trabalha com a disseminação do neo-urasianismo, aumentando sua influência na mídia russa e se tornando uma personalidade pública

1.1. Do eurasianismo clássico ao neo-urasianismo

A teoria neo-urasiana, que será trabalhada doravante, consiste na desenvolvida por esse expoente da geopolítica na Rússia, sendo tratada por Andre P. Tsygankov (2003), cientista político russo erradicado nos Estados Unidos, a vertente urasiana *expansionista*, mais trabalhada adiante. Pode ser destacado como referências para a teoria *duginiana* uma constelação de teóricos, filósofos, geógrafos, geopolíticos, tradicionalistas, cientistas políticos, esotéricos e, também, expoentes da corrente urasianista do início do século XX; ressaltando a relevância de autores como o filósofo alemão Martin Heidegger, autores do círculo geopolítico, como cita Laruelle (2006), Karl Haushofer, Halford Mackinder, Friedrich Ratzel e Rudolf Kjellén, destacando a grande influência desses pensadores clássicos no pensamento neo-urasiano.

Atualmente pode ser analisada a considerável influência de Alexandr Dugin não apenas no pensamento geopolítico russo isoladamente, porém sua atuação para com a sociedade russa, forte presença na mídia, em *talk shows*, em análises políticas em jornais de destaques nas principais redes televisivas russas, como a NTV, da estatal *Gazprom*, empresa de energia russa e uma das maiores exportadoras de gás natural do mundo. Para Teixeira (2013) Dugin é uma forte influência na formação da geopolítica russa nessa transição de séculos, sendo justificada pelo vácuo de poder regional e um reposicionamento russo para ampliação de sua influência na região.

Segundo Rushbrook (2015), os urasianistas clássicos, emigrantes da Guerra Civil russa de 1917, que foram para a Europa Central e para os Balcãs, como o geógrafo Lev Gumilev, o geógrafo e historiador Petr Savitsky, o etnógrafo e linguista Nicolai Trubetskoy, assim como diversos outros intelectuais. Todos esses tinham o mesmo ideal de manter a Rússia distinta da Europa, um dos primeiros elementos básicos da teoria urasiana, e também neo-urasiana.

Para esses teóricos iniciais a Rússia, em sua história, seria definida pelo território que ocupa, levando a um julgamento o materialismo e a racionalidade da modernidade (elemento bastante presente nas ideias dos tradicionalistas e do próprio Dugin) e elevando a Igreja Católica Ortodoxa russa *status* de religião nacional.

De acordo com o próprio Dugin, o eurasianismo, como corrente filosófica, começa no início do século XX. Com a Revolução Russa e a Revolução de Outubro levando ao início da URSS, os pensadores clássicos eurasiáticos emigraram da guerra, como Trubetskoy, Savitsky, o historiador George Vernadsky, entre vários outros pensadores. Já o pensamento neo-eurasiático, para Dugin, tem seu início por volta do final dos anos 80 e início dos 90, com a crise e fim da URSS, somando aos conceitos eurasiáticos novas ideias do tradicionalismo, da geopolítica, da metafísica, da *Nouvelle Droite*, da ecologia, da ontologia e da escatologia.

Para os autores clássicos do eurasianismo russo, a Rússia deveria, portanto, resgatar o passado, retornando à época do Império Mongol, sendo o “Império Universal” o destino russo primordial, considerando que apenas um país que vai de leste a oeste que poderia a vir ser o centro do mundo; pensando também a herança mongol para a Rússia, como um espaço de multinações religiões, porém com uma única identidade supranacional eurasiática, sendo considerado um terceiro continente a parte da Europa e da Ásia.

Para Rushbrook (2015) esses eurasianistas acreditavam que o Império Mongol, que dominou a região e a Rússia, também protegeu a mesma contra ataques e invasões do Ocidente, a *Golden Horde* permitiram também que os russos mantivessem sua religião, permitindo então a sua forte ligação com a Igreja Católica Ortodoxa Russa. Rushbrook (2015) afirma que os eurasianistas foram um grupo pequeno e diverso, não formavam uma doutrina única, porém com a base comum de que a história da Rússia e a “russianidade” eram definidos pelo território que ocupavam, ou seja, haveria um aspecto terrestre que ajudaria na construção das identidades nacionais.

Segundo Rushbrook (2015) os eurasianistas de primeira geração viam que a Eurásia possuía quatro diferentes tipos de formação natural, a taiga, a tundra, deserto e estepe, sendo a última para eles a mais importante, já que era a mais presente na região da Rússia. A estepe se expandia horizontalmente para a Ásia Central e o leste asiático entre várias civilizações, ou seja, representaria a própria missão da Eurásia, provando um caráter expansionista e unificador inerente a Rússia, segundo o autor (2015).

Petr Savitsky (SAVITSKY apud MATOS, 2012), um dos eurasianistas clássicos, reafirmava a teoria de *topogenesis*, creditada por Dugin, segundo a qual há uma ligação entre a natureza e o ser humano, tendo a geografia essencial papel para entender a evolução das

culturas, e, possuindo uma forte influência da terra e do território na criação de identidades nacionais.

Essas colocações convergem consideravelmente com a teoria do *lebensraum*, ou espaço vital, de Friedrich Ratzel (1882), outro geopolítico influente na teoria neo-eurasiana *duginiana*. Para Savitsky, portanto, a genética entre as populações seria irrelevante para o coletivo eurasiático, refletindo em um novo império, com harmonia de diferentes culturas, onde a língua, defendendo uma unidade linguística, e a geografia seriam fatores essenciais, tudo sobre centralização de um governo russo unificador.

De acordo com Matos (2012) esses pensadores chave do eurasianismo clássico elencavam uma luta cultural e política entre o Ocidente e a Eurásia, que seria guiada pela Rússia, são contra uma definição de identidade russa como sendo necessariamente europeia, como defendeu Pedro, o Grande (1672-1725). Além de rejeitarem uma integração com a Europa, e uma identidade similar a essa, enaltecem uma identidade eurasiática a parte. Após, a revolução russa, Nicolai Trubetskoy defendia que o império russo nessa nova configuração deveria ser adaptado em uma supernação multiétnica. De acordo com Matos (2012), Dugin herdará essa corrente de pensamento inicial do eurasianismo

Rushbrook (2015) elenca ainda outros pensadores chave para compreender a teoria *duginiana* eurasiática, como os pensadores tradicionalistas da filosofia perene como René Guénon (1927) e sua posição contra a modernidade, o mito do progresso que essa carregaria, refletindo tanto nas teorias e governos marxistas quanto no ideal de democracia difundido globalmente. Para Guénon o tempo não ‘corria’ de maneira unilinear, mas era cíclico como para o hinduísmo, considerando a necessidade da volta da “era de ouro”, a volta para a tradição primordial de todo o globo, mas para isso haveria a necessidade, para Evola principalmente, do fim da época de “decadência” ou a *Kali Yuga*¹² e, assim, inaugurar uma ‘nova era’.

Dugin, posteriormente, rejeita a ideia de Unidade Transcendente de Religiões, presente no pensamento de Guénon, e se mostra não necessariamente contra a modernização atuante na modernidade na sua criação de uma teoria alternativa com a presença do tradicionalismo russo - mostrado também na crescente difusão de suas ideias peça mídia e sua constante utilização de meios de comunicação em massa como forma de disseminação ideológica, fazendo parte do dia-a-dia político russo.

¹² Evola e Guénon seguiam a crença de tempo cíclico do hinduísmo, que as civilizações passam por ciclos de nascimento, crescimento, envelhecimento, morte e renascimento. O mundo moderno com todo seu caos estaria no estágio de *Kali Yuga*, da discórdia. (Rushbrook, 2015).

Shekhovtsov e Umland (2009) indagam se realmente o neo-eurasianismo desenvolvido por Dugin é uma forma de tradicionalismo. É possível afirmar, para os autores, uma forte influência dos tradicionalistas, mas não que são iguais entre si ou considerar Dugin um representante expoente da filosofia perene¹³ identificada com Guénon.

1.2.O peso da influência geopolítica e o *Heartland*

Para Sevim (2013) as teorias geopolíticas clássicas têm um peso considerável na construção ideológica de Dugin. Para Mackinder (1902), a Eurásia seria apenas um continente a parte e que representaria na geopolítica mundial o *Heartland* ou a ‘Área pivô’ do globo, uma região naturalmente rica, sendo uma das maiores fontes naturais da Terra, com fronteiras montanhosas servindo como muralhas naturais impenetráveis, situada entre a Ásia e a Europa, de certa forma agindo como ponte entre essas duas regiões.

Segundo o autor (1902), quem quer que dominasse essa área do planeta dominaria a ‘Ilha Mundial’ (configura-se como o continente asiático, europeu e africano). Geopoliticamente uma potência deveria, então, estabelecer controle imperial sobre essa região denominada *Heartland*.

Melo (2015) afirma que a análise geopolítica de mundo de Mackinder do *Heartland* é a partir de um sistema político fechado, no qual há uma disputa global entre o oceanismo (os países marítimos) e os continentalistas (países com poder terrestre), configurando uma forma de combate natural entre poderes, remetendo até a Grécia Antiga e a Guerra do Peloponeso entre Atenas (oceanista) e Esparta (continentalista).

Para Mackinder, portanto, (MACKINDER apud MELO,2015), os países teriam tendências expansionistas claras, a Ilha Mundial seria, então, a “unidade da superfície líquida do planeta”, onde oitenta e cinco por cento, da população mundial viveria e o *Heartland*, por conseguinte, seu coração “continental”, a “área pivô”, coincidindo com as fronteiras russas do Aral e Ural (muralhas naturais). Tal teoria, segundo o autor (2015), seria comprovada durante as duas Grandes Guerras Mundiais, já que fortaleceria o poder de qualquer potência que a possuísse.

¹³ Segundo Rushbrook (2015) termo usado em 1540 pelo católico Marsilio Ficino, onde o zoroastrismo, o cristianismo, o judaísmo e as religiões pagãs nativas compartilhavam de uma origem espiritual verdadeira universal, fundado nos escritos de Hermes Trismegistus, alquimista e pagão mítico. Alguns tradicionalistas praticavam a Cabala judaica, o paganismo, hinduísmo enxergando como uma forma de verdade única universal divina.

Mackinder defende que, (MACKINDER apud MELO, 2015), uma união entre a Rússia, detentora do *Heartland*, e a Alemanha (um poder europeu regional) representaria um desequilíbrio de poderes regional na Europa e um risco para outras potências. As presenças dos Estados tampões teriam como objetivo impedir futuras alianças entre essas duas potências e, também, impedir que o *Heartland* se expanda para o resto do globo. Ainda elenca Melo (2015) que para Haushofer, pai da *geopolitik* alemã, que desenvolve a teoria das pan-regiões, mais à frente utilizada por Alexandr Dugin, o *Heartland* sofre naturalmente de períodos de expansão e regressão.

Sevim (2013) elenca a influência de Nicholas John Spykman na teoria de Dugin, para esse geopolítico que desenvolveu a teoria do *Rimland* ou das “Áreas Periféricas”, quem controlasse pequenas áreas próximas do *Heartland* controlaria a Eurásia e, portanto, o mundo. Essas áreas periféricas, ou fímbrias, teriam a função de impedir um maior aumento do *Heartland*. As “costas” da Eurásia, como afirma Sevim (2013), tal como a Europa, Oriente Médio, China, Índia e Sudeste Asiático seriam chaves para controle global.

1.3. O peso de Dugin na política russa

Tsygankov (2012) aponta o desenvolvimento de diferentes ideologias durante a queda da URSS. A primeira *ocidentalista* defende apoio ao ocidente na forma de cooperação e uma defesa da ocidentalização da região e da Rússia, apagando o império “bolchevique” da URSS e afirmando que a Rússia vinha negando sua própria identidade, que deveria ser ocidental, defendendo a passagem pelos mesmo estágios de desenvolvimento do ocidente.

A teoria Realista russa, por outro lado, enfatizaria a segurança russa acima de tudo, considerando a Rússia uma potência com um Estado forte e distinto do resto do mundo, para Tsygankov (2012) foi a teoria mais presenciada no governo de Yevgeny Primakov, Primeiro Ministro de 1998 até 1999, essa teoria teria emergido em conjunto com a construção de ameaças externas representada pela Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) que tentaria isolar o país na região, na época da queda da URSS em 1991 até os anos 2000 com o vácuo de poder na região e o surgimento de novos conflitos.

Para Ukhurgunashvili (2015) Dugin evoca na Eurásia uma “metáfora” de um Império perdido e nostálgico necessário para uma reconstrução geopolítica após o fim da URSS e o vácuo ideológico instaurado. É considerado por muitos críticos como uma nova forma de imperialismo russo, Dugin em sua teoria procura aliados para a Rússia numa luta contra ocidente guiada pela Rússia, aos moldes dos antigos eurasianistas, críticos do antigo

bolchevismo e defensores de um Estado forte, onde a Rússia teria a hegemonia da Eurásia, elevando a uma entidade civilizacional.

Shekhovtsov (2008) afirma que a teoria neo-eurasianista defendida por Dugin faz parte de um novo portfólio de uma nova direita europeia e de movimentos nacionalistas nacionais europeus, além da *Nouvelle Droite* francesa encabeçada por Alain de Benoist, ao Grupo de Pesquisas e de Estudos para a Civilização Europeia¹⁴ (GRECE), composta por diferentes doutrinas, apesar das mesmas origens ideológicas sendo contra o individualismo das sociedades modernas, anti multiculturalismo, liberalismo e modelo democrático ocidental, sendo o qual são responsáveis pela crise instaurada na Europa.

Para Dugin, segundo Shekhovtsov (2008) uma nova ordem pós liberal seria necessária para transpor essa crise, não apenas russa ou europeia, mas de valores globais, Alexander Dugin seria, portanto, o braço russo da Nova Direita europeia continuando o pensamento eurasianista com fortes influências tradicionalistas, principalmente podemos citar de Julius Evola que consoante com Shekhovtsov (2014) politiza as ideias de René Guénon. Suas ideias entraram no *mainstream* do pensamento político russo, principalmente, de acordo com Shekhovtsov (2014), após o ano 2000, com a eleição do presidente Vladimir Putin.

O pensamento de Alexander Dugin, como já abordado, traz uma amalgamação de pensamentos, sejam geopolíticos, filosóficos e/ou tradicionalistas, para propor uma nova explicação da geopolítica contemporânea e novas diretrizes para uma nova formação geopolítica russa nesse reordenamento de política externa russa na era Putin e mesmo anteriormente, após a queda da URSS e o fim da Guerra Fria.

Teixeira (2013) afirma que o novo pensamento geopolítico russo, representado principalmente por Dugin, justifica uma nova retomada russa com Vladimir Putin para uma provável ampliação da Rússia aos moldes anteriores, de Império e da URSS, começando com a ampliação as áreas de influência da Rússia, a Eurásia. Dugin continua o pensamento de Mackinder no que consiste a separação do mundo em duas zonas de influência estratégica, o poder marítimo (liderado pelos Estados Unidos e Grã-Bretanha) e o poder terrestre (liderado por aquele que tivesse o *Heartland*, ou seja, representando o próprio destino da Rússia), ou, atlantismo e eurasianismo.

As influências de geopolíticos clássicos fazem aí sua presença, como Friedrich Ratzel e a ideia de que para fortalecer o Estado e ampliar sua influência necessário, considerando que o Estado poderia ser comparado a um ente vivo, onde a cultura seria determinada pela terra e

¹⁴ Tradução própria do Francês: Groupement de Recherche et d'Étude pour la Civilisation Européene.

a própria cultura de um povo ampliada pela expansão territorial, na qual o futuro dependeria diretamente do espaço ocupado, o espaço vital ou *lebensraum*, (RATZEL apud BONFIM, 2005) constituiria o direito do povo em ampliar o Estados para mais recursos, as fronteiras seriam, portanto temporárias e outros pequenos estados seriam aglutinados por semelhanças. Para Rudolf Kjellén (KJELLÉN apud BONFIM, 2005) esse seria um dos pontos principais onde os Estados teriam características de ascensão e queda, todo possuindo caráter de expansão de território e poder.

Karl Haushofer, em *Geopolítica do Oceano Pacífico* (Do alemão: *Geopolitik des Pazifischen Ozeans*), de 1924, para Mello (1999), faz a divisão do mundo de quatro pan-regiões, seguidas por Dugin, a primeira seria a Pan-América, guiada pelos Estados Unidos, a segunda, a região Eurafriana, liderada pela Grã-Bretanha e pela Alemanha; a terceira, a Ásia, liderada pelo Japão e, por fim, a região a Pan –Rússia (região eurasiática), liderada pela Rússia.

Dugin (2004) parte da premissa, a partir das ideias desenvolvidas por Mackinder do *Heartland* e da Ilha Mundial, de que a Rússia é o centro da Eurásia. Para Dugin (2004), apenas a partir da era Putin que as ideias eurasiáticas podem se tornar realidade. Com o fim da Guerra Fria novos espaços de influências foram formados, assim como uma nova possibilidade de projeção dos Estados Unidos e países do Ocidente devido ao vácuo político em áreas que até então constituíam zona de influência da URSS. Com as rupturas e independências de Estados que até então faziam parte da URSS, a erupção de conflitos étnicos, a própria competição com os Estados Unidos na região por projeção de influência, transformam a Rússia em problema geopolítico.

2 Capítulo 2 - A problemática do Neo-Eurasianismo

Teixeira (p. 133, 2013) elenca quatro principais conflitos e problemas na Rússia que poderia gerar um conflito geopolítico na região , (i) conflitos étnicos, principalmente na região do Cáucaso, (ii) possível conflito pelo controle energético na região, rica em gás e petróleo, na região do Mar Negro e Mar Cáspio, (iii) intervenção e influência dos Estados Unidos sob pretexto de violações aos direitos humanos e repressões políticas e religiosas; (iv) nas regiões da Ásia Central e Cáucaso , problemas de terrorismo e de fronteiras, imigrantes ilegais, tráfico.

A missão da Rússia em meio a transição nos anos 90, com a redefinição de uma nova geopolítica russa para Teixeira (2013), seria de manter uma identidade nacional comum,

apesar da grande diversidade cultural, manter a influência sob seus vizinhos, dominar conflitos e centralizar o estado. Para Dugin (2004) a missão da Rússia, como centro da Eurásia, consiste em guiar a região para uma nova alternativa geopolítica diferente da dominante liderado pelos representantes atlantistas, EUA e Grã-Bretanha.

2.1. O inimigo *atlantista*

As ideias de Dugin reagem diretamente à influência tanto regional dos EUA, quanto global, o neo-eurasianismo seria um novo projeto civilizacional contraponto ao ‘projeto’ da globalização atlantista liberal, tido como único sistema universalizado e guiado pelos EUA, representando uma planetarização do pensamento ocidental. Dugin (2004) rejeita e defende a diversidade de valores e sistemas de pensamento, sugerindo a criação de um sistema de Estados multipolarizado, que cooperariam para barrar o sistema atlantista proposto.

Segundo Danilo Sousa (2012), o fim da URSS ocasionou um reposicionamento no pensamento russo em vários âmbitos, seja ideológico ou cultural, e , principalmente, uma redefinição do pensamento político interno e externo refletido também pela influência da OTAN na região e, principalmente, na Ucrânia, então satélite, a influência ocidental no leste europeu devido ao vácuo de poder gerado com o fim da Guerra Fria se torna preocupante até o governo Putin, que assume em 2000, com diferentes propostas, de acordo com Sousa (2012) para fortalecer o Estado e ampliar a influência russa na Eurásia.

Matos (2012) elenca como princípios da teoria *duginiana* cinco pontos basilares para a formação de sua teoria, sendo o primeiro (1) o diferencialismo, ou seja, o pluralismo de sistemas de valores contra a dominação de uma só ideologia como pretendido pelo globalismo atlantista, de acordo com Dugin; o segundo ponto (2) refere-se à tradição contra a supressão de culturas, a partir da globalização guiada pelos Estados Unidos. Para Dugin seria instaurado uma forma de cultura única universal que teria como pretensão a unificação das culturas em uma só aos moldes da globalização atlanticista, todas as outras culturas, seriam, portanto, de uma forma liquidificadas pelo turbilhão de informações e imposição de uma cultura ímpar.

Um terceiro (3) ponto basilar da teoria lapidada por Dugin, citado por Matos (2012), corresponde, se tratando da economia, a defesa contra a hegemonia da ideia de um ‘Norte rico’; logo em seguida, no quarto ponto (4), as etnias são repostas como sujeitos da história e possuem seu valor que vai além, para Dugin, das construções artificiais de Estados Nações despersonalizados, por fim, e acompanhando o terceiro ponto, (5) contra a própria exploração do homem seja economicamente ou ideologicamente.

Alexander Dugin (2004) propõe a construção de uma geopolítica expansionista, como uma alternativa global à própria globalização, por vezes tomada como um processo naturalizado, mas representando o projeto unilateral inerente do atlantismo e de imposição liberal de seus líderes EUA/ Grã-Bretanha e seus aliados da OTAN. Dugin (2004) retoma uma antiga disputa geopolítica caracterizada pela terra contra o mar, ou, os eurasianistas, ou todos que forem contra o projeto atlantista expansionista e defendam a preservação cultural das tradições e etnias.

Os atlantistas, encarnados atualmente na OTAN, liderada pelos EUA - civilizações marítimas - teriam como objetivo a imposição de estereótipos de pensamento e sociais, de uma minoria cultural para uma maioria, para Dugin (2013), beneficiando apenas certas oligarquias político-financeiras de determinados centros globais. As vítimas desse projeto planetário seriam: as culturas locais, etnias, soberanias nacionais, religiões, e, principalmente o meio ambiente, para o filósofo, “[...] cada variedade espiritual, intelectual e material do planeta.”. Para Dugin (p.91, 2013)

[...] os EUA se consideram a conclusão lógica e o ápice da civilização ocidental [...] nos termos do ‘Divino Manifesto’ dos EUA e então da Doutrina Monroe. Agora eles falam em termos de execução das normas dos direitos humanos ‘universais’, promoção da democracia, tecnologia, instituições de livre mercado e daí em diante. Mas em essência nós simplesmente lidamos com uma versão atualizada e continuada do universalismo Ocidental que foi transmitido desde o Império Romano, ao Cristianismo Medieval, à Modernidade com o Iluminismo e colonização [...] Tradição e conservadorismo são assim considerados como obstáculos para a liberdade e devem ser rejeitados.

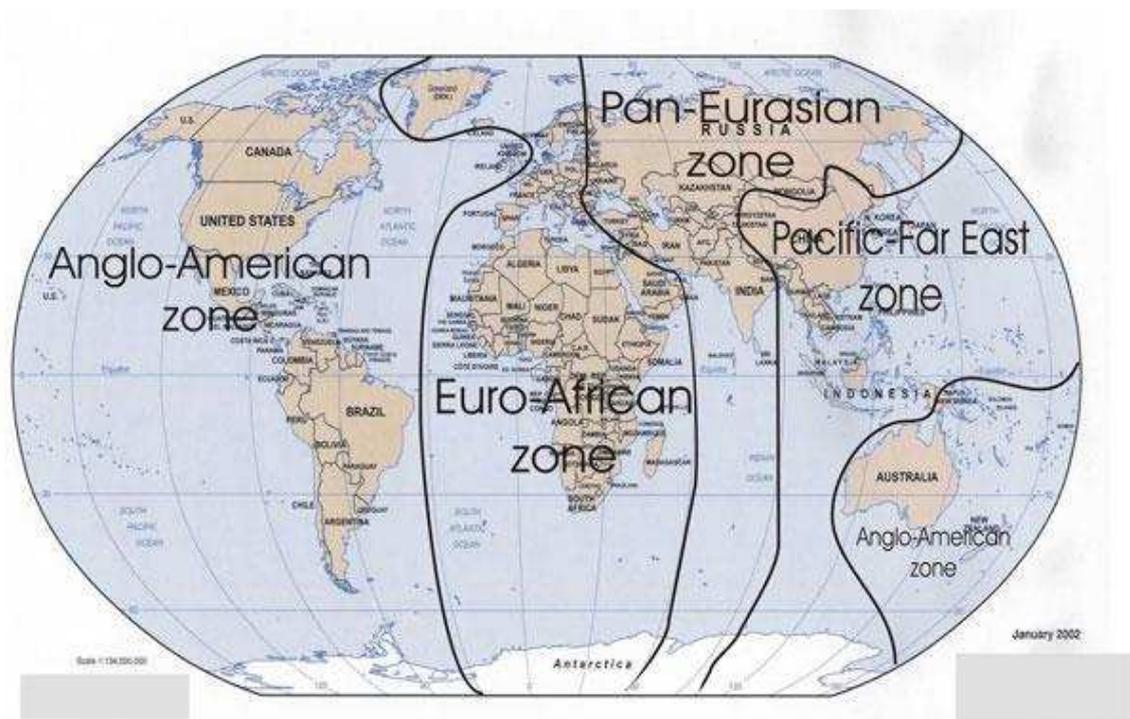
De acordo com Dugin (2013), portanto se faz a necessidade de vetores de cooperação estratégicos anti atlantistas, fazendo um contra- balanceamento a corrente unilateral atlantista.

2.2. As pan-regiões e as alianças estratégicas russas

Dugin propõe a divisão global em pan regiões, influenciado pela teoria de Karl Haushofer (1924) como forma de contrabalanceamento da globalização unipolar. Esse processo corresponde à imposição de uma cultura, pensamento, ideologia e formas de governos locais como uma forma de pensamento universal único e verdadeiro, não importando, assim, outras culturas, esmagando etnias, formas de governos. O mundo seria, então dividido em quatro grandes regiões e não unipolar, mas agora multipolar, divisão em vários polos de poder global.

As quatro grandes zonas seriam (i) a região Anglo-americana, que seria contrabalanceada pelas outras demais regiões, (ii) a região Euro africana, (iii) russa (Eurasiática) e, por fim, (iv) Ásia Central e Pacífico. O paradigma atlantista, ou seja, a globalização refletida na pretensão de um Estado global, de um sistema unificado de governo, segundo Dugin, tenta universalizar o ponto de vista ocidental, tem como liderança os EUA, o qual elevou essa ideia como missão estratégica, para o cientista político russo é uma imposição de uma nova ordem mundial pós-Guerra Fria, pós duelo de ideologias, o qual pressupôs ter sido o liberalismo o vencedor (p.5-6, 2004).

Mapa 1. As pan-regiões do Eurasianismo



Map of multipolar world. Four zones - four poles

Fonte: DUGIN, A ideia Eurasiana. P.13,2004.

Para Dugin (2004), a proposta eurasiática, ou mais à frente desenvolvida (e mais ampla) da Quarta Teoria Política, contrapõe o pensamento de centro e periferia, determinado e disseminado, mas defende um sistema multipolar e pluriverso, onde todos teriam seu espaço. Contrapõe a ideia de universalização do globalismo personificado pelos EUA em forma de ‘globalização’, permitindo um espaço para cooperação mútua e desenvolvimento de cada, porém não negando o espaço do atlantismo que não é universal, mas possui seu próprio espaço na geopolítica mundial, como afirma Matos (2012). A Rússia, como expoente e

liderança do eurasianismo, deveria restaurar seu *status* de poder regional e global, indo além do espaço soviético.

Como base para expansão ideológica do eurasianismo e, principalmente, expansão da influência russa regionalmente e mundialmente, Dugin (2004) defende a necessidade de formação de alianças estratégicas vetorizadas (atingindo diversos polos partindo da Rússia). Tais alianças se dariam com pontos estratégicos para o país capaz de contrabalancear o poder do EUA e da coalizão atlantista. Na Europa uma aliança Moscou-Berlim, aliança Moscou-Paris; na Ásia (região do Pacífico), uma coalizão com Japão (como forma contrabalanceamento duplo à China e aos EUA no Pacífico). E, por fim, o eixo Moscou-Teerã, um dos principais na oposição contra a globalização.

A China é tida inicialmente por Dugin como ameaça a Rússia, à necessidade de expansão e à necessidade de incorporar Manchúria, Mongólia, Balcãs e Tibete, assim como à reorganização da administração da Federação Russa, das suas regiões administrativas subservientes a Moscou, como afirma Laruelle (2006), e a indispensabilidade de reordenação da região da Sibéria.

Para Dugin (2004) a Geopolítica Russa é a própria Geopolítica do *Heartland*, adotando uma característica de civilização terrestre a partir do mesmo, assim como Genghis Khan e a civilização mongol adotou, Dugin (2004) afirma uma continuação histórica na região refletindo atualmente na civilização moderna russa. Para o autor, a Rússia se configura como uma região e civilização distinta do resto da Europa e contrasta com a mesma, também não sendo uma civilização puramente asiática; é distinta de ambos. Indo contra a pretensão atlantista, ou talassocracia como chama a civilização marítima anglo saxã, no que concerne à Rússia, sua missão é a integração *do Heartland* na região.

Dugin afirma um conflito dual histórico e universal entre a civilização marítima (talassocracia) e a civilização terrestre (telocracia). A Federação Russa, seria, portanto, para Dugin (2004), a herdeira geopolítica de todas as formas de poder hegemônico que surgiram ao longo do território da Área- Pivô, refletindo numa continuidade histórica, social, espiritual, político e étnica. A Rússia, como herdeira, deveria, então, crescer e ocupar todo o território do *Heartland* e outras zonas de fortalecimento do mesmo, maior do que a Federação Russa atual. Sua soberania é imprescindível para a defesa planetária contra uma dominação da hegemonia homogeneizante talassocrática.

As bases da teoria *duginiana* refletem fatores como o conservadorismo intrínseco na própria doutrina, o holismo, ou seja, partir de vários pontos e áreas de conhecimento para explicar tal ponto de vista/visão de mundo. Em terceiro, a adoção do coletivismo no lugar do

individualismo defendido pela civilização atlanticista ocidental, segundo Dugin (2004); além do sacrifício, da honra, da fé.

Com o fim da URSS e a queda de poder interno e externo representado pela mesma refletiu no vácuo de poder regional, levando ao preenchimento desse vazio pela OTAN e liderado pelos EUA e outras potências ocidentais como a Grã-Bretanha aproveitando o enfraquecimento da Eurásia para projeção de poder na região. Para Dugin (2004), o fim da URSS significou uma implosão do *Heartland* internamente, por sabotagem, a partir do fortalecimento interno da ideologia capitalista/ mercantilista, da democracia e dos princípios atlantistas.

Com o fortalecimento da ideologia liberal, não apenas na região da eurásia, mas, também, no resto do Globo, tida supostamente como a doutrina vitoriosa por autores como Francis Fukuyama¹⁵; levou ao fortalecimento do capitalismo e do liberalismo, assim como, o crescimento de influência da OTAN, por conseguinte dos EUA e seus aliados, principalmente nas regiões de anterior influência soviética.

3 Capítulo 3 – A alternativa global da Quarta Teoria Política

A estrutura dominante global refletida na globalização e tudo que essa representa, significa a vitória do mar sobre a terra e a disseminação em peso de uma forma unilateral de pensamento, de modelo único de sociedade: liberal, democrática, ocidentalizada. Esse modelo possui os EUA como centro cultural e financeiro do mundo. Para Dugin (2004), os Estados Unidos da América representam o auge da ideologia da modernidade e tudo que representaria de decadente na humanidade. Para o pensador russo na sua obra a Quarta Teoria Política (QTP) (p.7, 2013):

O liberalismo [...] tomou a decisão de abolir a política completamente após seu triunfo. Talvez isso tenha sido para prevenir a formação de alternativas políticas e para tomar seu domínio eterno, ou porque a agenda política havia simplesmente expirado com a ausência de rivais ideológicos [...] ao mesmo tempo o próprio liberalismo mudou, passando do plano das ideias, programas políticos e declarações para o plano das coisas, penetrando na própria carne da realidade social, a qual se tornou liberal. Isso foi apresentado como um processo natural e orgânico

¹⁵ Cientista político estadunidense conhecido pela teoria do “Fim da História”, a qual com o final da Guerra Fria e a “vitória” dos EUA e do Ocidente ideologicamente, não haveria mais necessidades de outras teorias ou sistemas, o capitalismo e liberalismo seriam as doutrinas determinantes.

Para o autor (2013) há a necessidade do desenvolvimento de uma nova geopolítica, não apenas russa, mas uma que encare todos os desafios da modernidade, substituindo teorias que já foram suplantadas: o comunismo e o fascismo/nazismo, também teorias que já não dão mais certo, como é o caso do liberalismo atlantista/ocidental. Para Dugin (2013) é necessária uma nova formulação política, além das abordagens clássicas, principalmente, para seu país, a Rússia e para aqueles que sofrem com o processo da globalização e de perda de sua própria identidade.

Segundo Dugin (p.10,2013) “Se a Rússia quer ‘ser’, então isso significa automaticamente a criação de uma *Quarta Teoria Política*. Do contrário, para a Rússia resta apenas a opção de ‘não ser’ e então deixar o palco histórico e mundial, e se dissolver no mundo global, nem criado ou governado por nós”.

De acordo com o autor (2013) com a perda do fascismo pós Segunda Guerra Mundial, abre o espaço para o embate entre o comunismo e o liberalismo, refletido na Guerra fria na segunda metade do século XX. Em 1991, com a queda da URSS é então definido que o liberalismo saiu em vitória ideológica na busca de se tornar unificada num projeto de *Governança Global*. Conforme Dugin (2013) a terceira teoria política da modernidade foi destruída ainda em seu início, o fascismo e nazismo; a segunda teoria moderna, o comunismo, “morreu de velhice”; a terceira teoria, o liberalismo, renasce como sociedade de mercado global.

Afirma-se que a *Quarta Teoria Política* (QTP) é necessariamente contra a globalização, contra a pós-modernidade, contra o conceito de Fukuyama de “fim da história” e contra o *status quo* de dominação unilateral ocidental, o qual o mundo é governado pelo mercado global e pela universalidade dos direitos humanos. Nesse mundo, segundo o autor (p.15,2013) “Todas as decisões políticas são substituídas por decisões *técnicas*. A maquinaria e a tecnologia substituem todo o resto”.

O liberalismo é transformado de ideologia para fato social objetivo, ou seja, é naturalizado como único. Outro papel da QTP se refere ao resgate da tradição, uma vez que na modernidade foi, não apenas posto de lado, mas se tornou-se indiferente na vida cotidiana. Dugin (2013) defende, então, que, essa teoria se volta para o que “precedeu a modernidade”, ainda afirma (p.23, 2013) “Se nós rejeitamos a ideia de progresso inerente à modernidade (que como nós vimos, acabou), então tudo que é antigo ganha valor e credibilidade *simplesmente por ser antigo*”. Para Dugin (p.199, 2013):

Os EUA venceram a ‘Guerra Fria’ não porque acumularam um maior potencial e chegaram à frente na competição tecnológica, mas porque se basearam na ideologia

liberal, provando tanto sua competência tecnológica como sua retidão histórica na guerra ideológica, substanciando o equilíbrio da era moderna. E exatamente quando o liberalismo demonstrou sua dimensão fatídica, os EUA receberam uma confirmação visual de seu messianismo, o qual na ideologia do ‘Destino Manifesto’ era, desde o século XIX, um artigo de fé para a elite política americana [...] a América está para afirmar o modelo americano – ‘*The American Way Of Life*’ - como uma ordem mundial obrigatória para todos.

Confirma ainda que a própria história da Rússia é uma prova de seu destino como contracultura, como anti hegemon, para o cientista político (p.25, 2013):

[...] *a totalidade da história russa é um argumento dialético com o Ocidente e contra a cultura ocidental*, a luta pela defesa de nossa própria (muitas vezes apenas intuitivamente compreendida) *verdade russa, nossa própria ideia messiânica e nossa própria versão do ‘fim da história’*, não importa como ela se expresse, através da Ortodoxia moscovita, do império secular de Pedro, ou da revolução comunista mundial.

Como fundação da *QTP* Dugin (2013) faz uso da fenomenologia ontológica *heideggeriana* sobre o estudo do Ser e a crítica a sociedade moderna, para determinar o *sujeito* dessa teoria política. Dugin (2013) explica que numa sociedade marcada pela técnica e pela modernidade no lugar das culturas nacionais, onde a ideologia da modernidade é ‘globalizada’ para todo o planeta, não importando diferenças, particularidades ou identidades.

Todo esse fenômeno tem impacto no Ser, Heidegger (2012) chamará de “*perda da essência humana*”, *Menschenlosigkeit*, desumanidade, na totalização da técnica e da sociedade moderna de massa é vedado ao homem tornar-se o que ele não pôde Ser, na inautenticidade. O *Dasein* abordado por Dugin (2013) significa ser-aí, para Heidegger (2012) esse em frente ao horizonte da temporalidade, da morte, sua possibilidade mais íntima de não poder mais ser; se projeta-aí no mundo, essencialmente o *Dasein* é aquele capaz de pensar sobre sua própria existência, finitude e possibilidades de existência.

Dugin (2013) afirma que a ideia de desenvolvimento histórico baseado no mito do progresso, a visão de que a história da humanidade conjuntamente com o desenvolvimento da ciência e da tecnologia tende apenas a melhorar progressivamente, do menos (“bárbaro e selvagem”) para o mais (“civilizados e desenvolvidos”), essa ideia está presente em todas as três teorias políticas clássicas citadas anteriormente.

No liberalismo na ideia do crescimento econômico e do rico e do pobre; no comunismo, na ideia de que o progresso levaria a um futuro comunista ideal; no fascismo, incrustrado no racismo, na crença na tecnologia. Dugin elenca (p.61, 2013) “De um jeito ou de outro, todas as três ideologias se originam da mesma tendência: a ideia de crescimento,

desenvolvimento, progresso, evolução e da constante melhoria societária cumulativa. Elas todas veem o mundo, todo o processo histórico como crescimento linear. ”

Para Dugin (2013), a própria ideia de progresso é racista, pois afirma um padrão do que é ou não desenvolvido a determinados moldes (p.66, 2013) “Qualquer ideia de progresso é em si mesma um racismo direto ou velado, afirmando que ‘nossa’ cultura, por exemplo, a ‘cultura branca’ ou cultura americana é de valor superior que ‘sua’ cultura, do que , por exemplo, a cultura de africanos, muçulmanos, iraquianos, ou afegãos” O liberalismo, assim como o comunismo, com as Revoluções sangrentas e os *gulags*, e o fascismo, com o Holocausto, deve ser abandonado pelos mesmo motivos (p.67-68, 2013)

[...] pela escravidão, pela destruição de nativos americanos nos EUA, por Hiroshima e Nagasaki, pela agressão na Sérvia, no Iraque e no Afeganistão, pela devastação econômica de milhões de pessoas no planeta e pelas mentiras ignóbeis e cínicas que camuflam essa história. Mas, mais importante, nós devemos rejeitar a base sobre a qual essas três ideologias se sustentam: *o processo monotônico em todas as suas formas*, isto é, evolução, crescimento, modernização, progresso, desenvolvimento e tudo aquilo que parecia científico no século XIX, mas que foi exposto como anticientífico no século XX

Depois do fim da Guerra Fria, pós 1991, uma Nova Ordem Mundial foi instaurada: um mundo unipolar, com hegemonia dos EUA, que ignora outros polos de poder, configurando-se como (p.88,2013) “[..] uma universalização de economia de livre mercado, da democracia política e da ideologia de direitos humanos como um sistema global aceito por todos os países do mundo”. Para Dugin o sistema westfaliano de sistema de Estados- Nações não mais serve para explicar as mudanças ocorridas no sistema de relações internacionais devido a quantidade de novos atores que surgem de relevância internacional.

A questão da democracia é um outro termo bastante utilizado pelo Ocidente como forma de projeção de poder e influência (p.93, 2013) “Assim a democracia é pensada como sendo uma arma eficaz para criar caos e governar as culturas em dissipação do mundo a partir do Núcleo que emula e instala os códigos democráticos em todo lugar. A evidência desse processo pode ser vista na sequência caótica de eventos estimulantes da chamada ‘Primavera Árabe’.”

Consoante Dugin (2013) se pode dividir os países no sistema internacional atual em quatro categorias em resposta a influência dos EUA, (i) os Estados que tentam se adequar aos padrões ocidentais dos EUA e tentam evitar uma oposição mais direta, Dugin cita como exemplo o Brasil, a Índia, Turquia e até a Rússia; (ii) aqueles que cooperam com os EUA e a corrente atlantista, sob condição de não interferência em assuntos internos, Arábia Saudita e

Paquistão; (iii) aqueles que cooperam , mas observam as particularidades de sua própria sociedade, o que é ou não compatível com a cultura e valores ocidentais, como a China e também Rússia, por fim, (iv) aqueles que se põe diretamente contra a influência ocidental, principalmente às ações unilaterais dos EUA e seus aliados, Irã, Venezuela e Coreia do Norte, são esses exemplos.

Parte desses Estados, como Irã, Índia, China, Rússia, segundo Dugin (2013) não se encontram satisfeitos em perder qualquer tipo de autoridade extranacional para os EUA em forma de um Governo Mundial, liderado por esses; buscam preservar suas soberanias em relação a essa tendência globalizante. Para Dugin (2013) esses Estados necessitam de uma visão política alternativa estratégica e unificada para um sistema internacional, capaz de contrapor a influência atlantista dominante, possível através das propostas desenvolvidas pelo neo-urasianismo.

Uma das propostas dadas pela QTP, a teoria da Multipolaridade ou Grandes Espaços. Propõe uma alternativa ao modelo atual de globalização, usando a União Européia como um exemplo disso, assim como o projeto da União Eurasiana, proposta pelo presidente Vladimir Putin da Rússia. De acordo com o próprio Dugin (p.99, 2013).

Ele pressupõe a criação de diferentes políticas, estratégias e entidades econômicas transnacionais unidas regionalmente pela comunidade de áreas civilizacionais comuns e valores compartilhados, em alguns casos religiosos e em outros seculares e/ou culturais. Eles deveriam consistir em Estados integrados em linhas regionalistas e representar os polos do mundo multipolar.

Dugin (2013) elenca pontos cruciais para determinação do liberalismo moderno atual (i) o indivíduo é a medida de todas as coisas, aversão ao coletivo; (ii) “caráter sagrado” da propriedade privada; (iii) “abolição” de instituições que determinem uma verdade comum; (iv) separação de poderes; (v) criação de uma sociedade sem etnias, raças, religiões; (vi) a ideia de que o desenvolvimento ocidental é um modelo único progresso para todos e deve ser seguido universalmente.

Segundo o autor (p.214, 2013) “ *O mundo atual é unipolar, com o Ocidente Global como seu centro e com os Estados Unidos como seu núcleo.* ” Dugin (2013) afirma que concorda com os pensadores René Guénon e Julius Evola na afirmação de que a base ideológica do liberalismo na modernidade, ou seja, o individualismo, a democracia liberal, o consumismo, o capitalismo, são a causa da decadência e catástrofe da humanidade moderna, e assim como da degradação do planeta a custo de valores que fingem ser universais. Se fazendo necessário, portanto, uma nova ideologia política alternativa, uma quarta via.

Encontrando seu sujeito no *Dasein autêntico* heideggeriano (Ser-aí) fora de qualquer tipo de alienação que venha a ter. Sua configuração é multipolar, não é um polo de poder ou dois, mas vários, Dugin afirma (p.219, 2013)

[...] multiplicidade e diversidade deveriam ser tomadas como riquezas e como tesouro, e não como razão para o conflito inevitável: muitas civilizações, muitos polos, muitos centros, muitos sistemas de valores em um planeta e uma humanidade. Muitos mundos. [...] quem está alinhado contra tal projeto? Aqueles que pretendem impor a uniformidade, o pensamento único, a uma forma de vida (Estadunidense), o Um Mundo.

De acordo com Teixeira (2013) os quatro polos de civilização defendidos por Dugin teriam como objetivo real contrabalancear o poder marítimo atlantista guiado pelos Estados Unidos. A Rússia como um Estado com várias etnias, religiões e como guia, também, dessa alternativa política, faria alianças com Estados e regiões estratégicas para esse contrabalanceamento, como exemplos o Japão, no pacífico, Alemanha, na União Europeia, e Irã, no mundo muçulmano.

A Rússia deve seguir, então, a política do *Heartland*, para fortalecer o poder russo e barrar o avanço do atlantismo, para isso o autor enxerga no presidente Putin as qualidades capazes para guiar essa alternativa global e resgatar o eurasiatismo. Para Marcu (2007), Dugin se encontra como o principal defensor do expansionismo russo pós-soviético, partindo do pressuposto que a Eurásia é o centro do mundo e a Rússia é o centro da Eurásia, essa teria uma missão e responsabilidade para conter qualquer ameaça global a soberania dos Estados.

Dugin também afirma, seguindo as teorias geopolíticas clássicas de Halford John Mackinder e Karl Haushofer, declarando que quem quer que controle o *Heartland* controla a Eurásia e, assim, o mundo; seria a Rússia a predestinada. Liderando um novo Império eurasiático, começando pela integração e, segundo Marcu (2007), depois partindo para o resto do Mundo, que, a partir desse ponto de vista continuaria bipolar, ou seja, geoestrategicamente a disputa histórica entre Mar e Terra, poderes marítimos e poderes continentais, continuaria.

Consoante Marcu (2007), para Dugin o início dessa nova configuração eurasiática ou da alternativa da *QTP*, seria a continuação dos vetores, ou seja, alianças com setores e Estados estratégicos para a Rússia e para o projeto da *QTP*, assim como a criação de um Estado multiétnico e multi religioso. As zonas principais para aliança estratégica, segundo Dugin, seria as regiões pan-Asiáticas, pan-Europeia e pan-Árabe, cruciais para contrabalancear o poder unilateral ocidental anglo-saxão, baseado na teoria das Pan-Regiões de Karl Haushofer.

3.1. Multiculturalismo e multipolaridade

Em suma, se faz importante a manutenção da relação com a Alemanha, uma abertura de diálogo com o Japão e a proteção ao Irã. Para Marcu (2007), portanto, a Rússia deseja a retomada de sua posição de prestígio internacional, assim como reaver sua posição de antigo Império, com recursos, forte setor de segurança militar, defesa de sua cultura e forte alianças estratégicas. O Japão, para o filósofo russo, seria um inimigo natural dos EUA, devido à posição no Pacífico; uma aliança com a Índia também seria benéfica numa tentativa de contenção da China, considerada um perigo na manutenção da Eurásia.

Para Sousa (2012) também pode ser visto como um projeto neo estratégico geopolítico russo e de integração econômica, prezando pela multiculturalidade, pelo Estado multiétnico e multireligioso; afirmando que a Rússia possui uma missão e características distintas do Ocidente, Dugin afirma que a ideia eurásiana ganha mais força com a ascensão de Vladimir Putin.

Conforme Matos (2012) , além das alianças, dos vetores, propostas por Dugin na teoria eurásianista, é necessário expandir a Rússia em direção a um integração territorial dos territórios pós soviéticos e do Império *Romanov*, defendendo uma integração eurásiana com diferentes culturas, etnias, línguas, de forma não violenta e preservando a existência de “cada povo na terra”, a variedade de costumes, os seus próprios valores e sistemas; para Dugin (2004) essa integração e a valorização multiétnica faz parte do conflito atlantistas contra eurásianistas e definem o que irá acontecer no século XXI.

Dugin (2004) acrescenta que com a tendência do fim da formação do Estado-Nação, as formações de civilização serão dominantes, para o mesmo uma tendência, exemplificada com a União Europeia, os quatro Grandes Espaços seriam organizados culturalmente, também geoeconomicamente, por proximidades geográficas e de valores. Nas subdivisões das Grandes Regiões se encontram: (i) eurafricana: União Europeia, África Árabe-Islâmica e África subtropical; (ii) Pacífico Asiático: Japão, Sudeste Asiático, Indo China, Austrália e Nova Zelândia; (iii) euroasiático: Rússia, Comunidade Estados Independentes (CEI), Islã Continental, Índia e China; (iv) americano: Norte, Sul e Central.

O *neo-eurásianismo*, surgido na Rússia no final da década de 80, para Dugin segue a linha de pensamento dos principais autores do movimento eurásianista, (p.146, 2013) “ [...], mas também acrescentou o uso de tradicionalismo, geopolítica, estruturalismo, da ontologia-fundamental de Heidegger, sociologia, antropologia”. O conceito de Civilização se torna central nessa ‘nova’ corrente e para a constituição do Grande Espaço na política mundial,

Dugin enxerga a União Europeia como um exemplo desse novo projeto global; como um protótipo de uma chamada ‘globalização regional’, ou seja, a União de países que pertencem a uma determinada civilização.

Para Dugin o número de civilizações no palco da política internacional mostra a quantidade de polos do Mundo Multipolar, para o autor (p.167, 2013), “ A ideia de um mundo multipolar, onde o número de polos e civilizações é o mesmo, oferecerá para a humanidade uma grande gama de alternativas culturais, filosóficas, sociais e espirituais.”. Esse ‘mundo multipolar’ também abre espaço para o desenvolvimento de regionalismos, indo de encontra a ideia de um único desenvolver do sistema internacional de Estados. De acordo com o autor (p.168,2013) “ Não existirá padrão universal – nem material nem espiritual. Cada civilização finalmente proclamará que ela própria é uma medida das coisas. Em alguns lugares a medida será o homem, em outros, religião, em outros, ética, em outros, a matéria.”.

Matos (2012), seguindo Dugin, com esse tipo de disposição global seria difícil o desenvolvimento de conflitos em maiores proporções, caminhando de forma oposta aos “planos globalistas” , com o surgimento de novas formas de pensamento político , a própria unificação de espaços, somado a um sistema multilateral com respeito multicultural , à soberanias, opondo a tendência de auto liquidação e integração em um só Governo Global, segundo Dugin (2004), preservando as estruturas e valores locais e formando disposições regionais, qualquer tentativa, para o autor, de manter a organização estatal será fracassada.

No século XXI, então, a Rússia e a CEI representariam o centro da mudança, da resistência ao processo da globalização, para um processo de soberanias coletivas, os próprios Grandes Espaços, em várias associações numa única coletividade, sendo as tradições as expressões dessas coletividades, indo além da imposição de um modelo único cultural, econômico, de valores e adotando a pluralidade de regimes e a apreciação da unicidade de cada povo, cultura e etnia, não apoiando a assimilação dos mesmo em uma cultural maior dominante.

O objetivo de Dugin (2004) é, portanto, oposição ao projeto globalista Ocidental e liderar na direção de uma outra Globalização, a multipolar, sendo de acordo com Ersen (2004) a Rússia tanto líder regional como guia de um movimento contra hegemônico e multipolar; começando a partir do controle do *Heartland*, unindo antigos territórios da URSS e levando a cooperação com zonas e países estratégicos para essa nova reconfiguração geopolítica, como Alemanha, França, Irã, Japão, Índia.

Para Laruelle (2006), Dugin afirmaria que para atingir esse papel de liderança regional e posteriormente global, seria necessário inicialmente a expansão além do espaço ex

soviético, reorganizando áreas essenciais para a Rússia como a região da Sibéria, recompor suas regiões administrativas centralizando o poder para Moscou, controlar o terrorismo e conflitos na região, como os atos terroristas da Chechênia que seriam financiados pelos EUA e, portanto, apoiados pelas forças atlantistas.

O Eurasianismo se torna, então, a alternativa à globalização Ocidental, assim como a política estratégica de poder e hegemonia russa. Segundo Lequire (2015) esse novo movimento internacional eleva a desconfiança aos valores ocidentais, eleva uma nostalgia ao passado soviético e do Império Russo, promovendo o país como diferente (uma alternativa) e a um novo poder global, ganhando inclusive apoio político e intelectual internamente.

O movimento Eurasianista (ou a QTP), portanto, para Lequire (2015), é posto como um novo paradigma de Relações Internacionais, onde o sistema westfaliano de Estados não tem mais espaço, Dugin defende uma nova configuração em menor escala internamente de organizações políticas e, internacionalmente a organização em Grandes Espaços regionais. No exemplo da Eurásia, desenvolver uma região unificada liderada “por uma Rússia renovada”, unida por semelhanças de civilizações.

Dugin em *Geopolítica da Rússia Contemporânea* (2015), indaga sobre uma possível renovação da Guerra Fria, afirmando que a Grande Guerra dos Continentes não acabou, estando apenas em sua segunda fase, mantendo a continuação do conflito histórico entre Mar e Terra, defende, também, o fortalecimento da União Eurasiana multipolar que integraria o espaço pós-soviético em um só, expandindo até as fronteiras naturais da Eurásia e estender sua influência além delas, para Dugin (2015) elevar a influência geopolítica da “civilização da Terra” globalmente, através da dilatação até o *Rimland*, tornando-se um dos polos globais, controlando a Eurásia, confrontando os EUA e construindo uma configuração multipolar planetária.

Dugin afirma em sua obra *Quarta Teoria Política* (2013), que a mesma se configura como um novo começo, o sujeito da QTP, como já abordado tem como base um novo entendimento da política, o *Dasein* heideggeriano politizado por Dugin é o novo sujeito dessa teoria. Afirma ainda que “ Se o sujeito é o, portador da liberdade, então a ‘Quarta Teoria Política’ constituiria uma estrutura ontológica fundamental que é desenvolvida sobre a base da antropologia existencial” (p. 38,2013).

A QTP rejeitaria toda a forma de racismo desenvolvida no cerne da terceira teoria política representada pelo fascismo, para Dugin a própria ideologia de progresso presente no liberalismo é necessariamente racista, principalmente se tratando do processo de globalização unilateral (p. 43,2013):

Ela é baseada no fato de que a sociedade ocidental, especialmente a americana, equipara sua história e seus valores à lei universal e artificialmente tenta construir uma sociedade global baseada nesses valores locais e historicamente específicos – democracia, o mercado, parlamentarismo, capitalismo, individualismo, direitos humanos e desenvolvimento tecnológico ilimitado.

A globalização constituiria, então, como um modelo ocidental etnocêntrico (p.43-44,2013) a QTP “ [...] rejeita todas as formas e variedades de racismo e todas as formas de hierarquização normativa de sociedades com base em fundamentos étnicos, religiosos, sociais, tecnológicos, econômicos ou culturais.”. O *ethnos* possui papel central na QTP, se constituindo como etnicidade de cada etnia, a qual seria “universal em si mesma”.

Voltando-se para uma configura-se mais íntima no que se refere a uma nova reconfiguração do paradigma de relações internacionais, Dugin alega que (p.46,2013) “ ‘O estado-aldeia’ é uma visão alternativa da política a partir da perspectiva do *ethnos* vivendo naturalmente em equilíbrio com o meio ambiente. [...] é aquela da aldeia, da província. Ela vem do ponto de partida daquelas regiões que tem sido periféricas na política clássica, mas se tornam centro da ‘Quarta Teoria Política’.”

Uma crítica ao marxismo, segunda teoria política, também é desenvolvida por Dugin (2013), o mesmo tido como mito, só é relevante na identificação das contradições do liberalismo; as ideias do materialismo histórico do comunismo são as mesmas das ideias de progresso unidirecional técnico anteriormente criticadas, possuindo o mesmo reducionismo racista e materialista. Para o autor russo (p.48, 2013) “ Sendo ele mesmo um mito, em sua forma ativista polêmica, o marxismo serve como excelente instrumento [...] está normalmente correto quando descreve seu inimigo, especialmente a burguesia. Porém, suas próprias tentativas de entender a si mesmo levaram ao erro.”

Na interpretação *duginiana* as três ideologias anteriores, o liberalismo, o marxismo e o fascismo, retiraram a liberdade própria do *Dasein*; (p.53,2013) “ [...] alienaram o *Dasein* de seu significado, tornaram-no restrito, aprisionado de uma maneira ou de outra, tornaram-no inautêntico. Cada uma dessas ideologias colocaram um boneco infeliz – *das Man* – no lugar do *Dasein*. A liberdade do *Dasein* se encontra em implementar a oportunidades de ser autêntico[...] ‘Ser-aí’ consiste em ‘aí’ e em ‘Ser’.”

Dugin afirma que o eurasianismo é um dos movimentos conservadores desenvolvidos capazes de transpor, ir de encontro, ao projeto da modernidade da Globalização, segundo o autor russo: (p.144, 2013)

O eurasianismo é tanto uma filosofia política como *episteme*. Ele se aplica a uma categoria de ideologias conservadoras e possui características tanto do

conservadorismo fundamental (tradicionalismo) como da Revolução Conservadora (incluindo o social-conservadorismo dos eurasianistas de esquerda. A única coisa que não é aceitável para os eurasianistas é o conservadorismo liberal.

O projeto da modernidade, segundo Dugin, é um desenvolvimento exclusivo do Ocidente e outras civilizações devem “desmascarar” a pretensão de universalidade, construindo seus próprios valores, para o autor, (p.145,2013)

Não há processo histórico unificado, cada povo tem seu modelo histórico que se move em um ritmo diferente e às vezes em direções diferentes [...] Aqui os eurasianistas parcialmente se aproximam dos tradicionalistas de Guénon que também consideraram que a ‘modernidade’ é um conceito ‘ocidental’, quando ainda há formas de sociedade tradicional no Oriente. Coincidência nenhuma que o primeiro entre os autores russos que se referiu ao livro de Guénon ‘Oriente e Ocidente’ foi o eurasianista N.N Alekseev

Portanto, podemos elencar que tal como afirma Dugin em *Quarta Teoria Política* o processo realmente global é o projeto da modernidade refletido em centros globais no Ocidente, especialmente a Europa Ocidental e os EUA, este como guia na transição para uma chamada pós-modernidade.

4 Capítulo 4 – Críticas ao autor e sua obra

4.1. Neo-eurasianismo, uma ideologia fascista?

Como já abordado na exposição histórica e no desenvolvimento teórico da ideia eurásiana, um conjunto de críticas é destinado tanto a teoria neo-eurásiana como um todo quanto a teoria específica neo-eurásiana da QTP desenvolvida por Alexander Dugin. Essas críticas são destinadas a um possível futuro (e presente) de expansão russa, assim como, também, possíveis interpretações de cunho ideológico autoritário designada a teoria neo-eurásiana.

Um dos autores que desenvolvem uma crítica ao pensador russo é Jonathan Rushbrook (2015) classificando o russo com um autor de extrema direita, aliado de autores da chamada Nova Direita Europeia que tem como expoente o francês Alain de Benoist. Com sua crescente popularidade e presença nas mídias sociais Dugin, para Rushbrook (2015), é um dos autores russos de maior destaque atual, que expressa seu apoio ao atual presidente russo Vladimir Putin, reeleito no ano de 2018 até o ano de 2024, e declama seu sustento a uma possível nova expansão territorial para a Federação Russa.

Ainda segundo Rushbrook (2015), sua defesa pela expansão russa reafirma o discurso de “fazer a Rússia grande novamente”, para Alexander Dugin, como um Império Eurasiano. Para o autor crítico, essa nova formação ‘imperial’ expansiva é baseada em valores de retomada do Império Romano, possuindo considerável apoio de pensadores fascistas, neofascistas e do espectro da *Nouvelle Droite*, principalmente aqueles simpatizantes que apoiam as ideias de uma supremacia russa.

De acordo com o autor (2015), na recente anexação da Criméia para a Federação Russa e a luta contra forças ucranianas em conjunto com forças aliadas separatistas nos últimos anos tem-se mostrado uma crescente visualização da teoria neo-eurasiana em ação. Enxergando a Ucrânia como zona de influência do poder atlantista estadunidense na região, a Criméia é, então vista como local de extrema importância para projeção e inserção de poder russo na região.

Rushbrook (2015) indaga em que espectro ideológico ou de visão de mundo realmente Dugin pertenceria e se, necessariamente, sua versão do neo-eurasianismo desenvolvida pode ser considerada uma ‘forma nativa de fascismo russo’, ainda se a pretensão tradicionalista e de preservação de etnias e culturas não seria apenas uma fachada para instauração de uma forma de supremacia russa regional. Rushbrook (2015), porém propõe que antes de propor um racismo russo ou um fascismo *duginiano*, define Dugin como um imperialista cultural e espiritual, traços principais do que faria uma nação também ser definida.

Desta forma é também estabelecido uma forma de ‘destino russo’, segundo o autor (2015), o qual seria a proteção de outros povos e o destino de unificação, sendo de imensa importância como guia do projeto neo-eurasianista *duginiano*. A questão da natureza de sua ideologia política é assunto de controvérsias entre seus analistas. Para Rushbrook (2015) alguns como Marlene Laruelle conferem a ele o *status* de um racista ultranacionalista, o qual confere a teoria do autor russo uma mistura de controvérsias. Para Dugin, de acordo com Marlene Laruelle (2006), segue uma história de desenvolvimento étnico bastante parecida com autores da antiga Alemanha nazistas como Guido von List da teoria arianista que acreditavam no surgimento de uma raça nortenha superior ariana que levaria cultura e civilização para o resto do globo.

Para Laruelle (2006), Dugin vê o Norte expresso na Sibéria dando aos russos uma forte identidade, afirmado em seu livro *Os Mistérios da Eurásia* de 1991. Já Edith Clowes, citada por Rushbrook (2015), no projeto *duginiano* neo-eurasiano irremediavelmente pequenas nações serão sugadas pela grande protetora que é a Rússia, semelhante ao processo

imperial que levou a URSS ou ainda a teoria clássica de Friedrich Ratzel do espaço vital e da amalgamação de Estados menores.

Andreas Umland (2010), um dos maiores críticos em relação ao pensador russo e do neo-urasianismo, afirma que Dugin enxerga a Ortodoxia russa coimo uma das únicas capazes de manter a tradição no mundo moderno e releva a importância dessa para a Rússia. Para Rushbrook (2015) alguns autores fazem uma ligação entre o neo-urasianismo russo e o racismo do nacional socialismo, assim como Anton Shekhovtsov (2008) que tem a Dugin como um fascista declarado. Andreas Umland (2010), portanto, afirma ainda que com a posição que conseguiu o autor russo, tanto na academia russa quanto com aliados possibilita para que o mesmo possa espalhar sua ideologia expansionista na sociedade russa.

Para Rushbrook (2015) é importante ressaltar que sendo um autor considerado tradicionalista com influência do pensamento de Julius Evola, é possível participar da corrente e mesmo assim não ser racista, ressaltando que como racista o próprio Evola defendia uma superioridade racial de ‘espírito’ e não biológica. A crença na restauração de valores sagrados, um messianismo russo, ultranacionalismo, saudosismo de Império, para Rushbrook pode ser base para um estudo sobre o fascismo na teoria neo-urasianista.

O autor ainda desenvolve que um dos fatores para a identificação de uma ideologia ou tradição fascista desenvolvida por Emilio Gentile está (i) o anti-marxismo, anti-modernismo e anti-capitalismo; (ii) regeneração nacional e militarismo; (iii) ideologia pragmática anti-individualista e anti-liberal; (iv) utilização de símbolos e mitos místicos; (v) vontade de poder de uma cultura; (vi) concepção de primazia da política; (vii) dedicação ao desenvolvimento de valores de espírito guerreiro, virilidade, atitudes voltadas para a comunidade, para o nacional; (viii) Partido único; (ix) aparato policial que reprime opositores; (x) culto ao líder; (xi) política externa voltada para o poder nacional, grandiosidade do País, com a intenção de expansão imperialista.

Rushbrook (2015) afirma que para Gentile um dos principais pontos definidores do fascismo se torna à ideia de rejuvenescer a nação, no sentido de retomar tempos que já não pertencem mais somado a um projeto expansionista imperial. Já para Shekhovtsov e Umland (2009) a ideia central da corrente tradicionalista seria a revolta e negação em relação ao mundo moderno, para esses autores um exemplo maior desse tradicionalismo é o francês René Guénon, mas que apesar das críticas *duginiana* em relação à modernidade e suas configurações atuais a alternativa dada por Dugin é por si mesma uma modernização, porém sem ocidentalização.

Conforme Laruelle (2006) Dugin se empenha em disseminar o tradicionalismo na Rússia, ajudando no fortalecimento de um tradicionalismo eminentemente russo. A autora (2006) ainda afirma que todas as correntes neo-urasianistas que surgiram nos anos 90 possuem uma concepção expansionista apesar de não compartilharem de uma mesma base. O próprio Dugin é criticado pelos demais teóricos do círculo já que segundo Laruelle (p.5-6,2006) pega emprestado teorias de outras tradições teóricas como a ideia de Revolução Conservadora, geopolítica clássica alemã, o tradicionalismo de Guénon e elementos da *Nouvelle Droite* europeia.

4.2. Neo-urasianismo e a Igreja Ortodoxa

Apesar de tudo, para Laruelle (2006), Dugin consegue entre os neo-urasianistas o maior reconhecimento público, influência em grupos políticos objetivando a reconfiguração de uma nova geopolítica russa. Seguindo o tradicionalismo de Julius Evola, Dugin enxerga o cristianismo como o que sobrou do paganismo (reconhecendo a renovação do paganismo: na exaltação da harmonia do homem e natureza) e como o tesouro da tradição.

A Igreja Ortodoxa russa, para Laruelle (2006), seria fundamental para essa nova alternativa global. Como nacional ela seria mais facilmente instrumentalizada em prol da pátria. Para Dugin, portanto, seria necessário um retorno às velhas crenças antigas e autênticas russas, para a ‘verdadeira Ortodoxia’. Para Laruelle (p.11,2006):

De acordo com Dugin, a igreja cismática é simultaneamente conservadora e revolucionária, defendendo um culto da terra (como o paganismo), livre de uma concepção institucionalizada de fé, e levado por uma visão fundamentalmente apocalíptica de fé na humanidade [...] é ideologicamente conveniente já que permite a Dugin evitar fazer uma escolha entre um paganismo nacional e um fé universal. Portanto, Ortodoxia, e em particular os crentes antigos, podem incorporar o neo-paganismo a força nacionalista¹⁶.

Creditando a religião como uma das fundações das sociedades, assim como um método de análise das sociedades (Laruelle, 2006) Dugin propõe que a base positivista¹⁷ da modernidade tem que ser questionada em suas raízes. Segundo Laruelle (2006) o pensador

¹⁶ Tradução própria do Inglês: “ *According to Dugin, the schismatic church is simultaneously conservative and revolutionary, espousing a cult of the earth (like paganism), free of an institutionalized conception of faith, and driven by a fundamentally apocalyptic vision of the fate of humanity [...] is ideologically convenient since it permits Dugin to avoid making a choice between a national paganism and a universal faith. Thus, Orthodoxy, and in particular the Old Believers, can incorporate Neo-paganism’s nationalist force.*”

¹⁷ Originalmente desenvolvida por Auguste Comte em sua obra *Discurso sobre o espírito positivo* (1848).

russo afirma a necessidade de ‘reabilitação’ entre o conhecimento esotérico e a pesquisa científica, defendendo um sistema holístico de pensamento no mundo.

Para a autora (2006), a teoria *duginiana* é uma junção entre as tradições eurásianas e uma mistura de ideias nazistas, a Sibéria é vista pelo pensador russo com um papel maior na identidade russa e como um instrumento geopolítico para expansão imperial justificado pelo ‘destino’ russo. Para isso, consoante Laruelle (2006) Dugin utiliza de várias teorias não apenas geopolíticas, usando até referências ao gnosticismo, à Cabala, alquimia e ao hermetismo para justificar sua preposição.

Dugin, denomina esse seu pensamento de geografia sagrada (Laruelle, 2006) afirmando ser uma ‘ciência desconhecida dos segredos da história mundial’. Laruelle (2006) alega que a teoria desenvolvida por Dugin tem fortes traços semelhantes com o fascismo, além de uma espera por uma reestruturação social na expectativa de criação de um ‘novo homem’, o sujeito da alternativa neo-eurásiana, adequado da filosofia *heideggeriana*, o *Dasein*.

Para Shekhovtsov (2008), igualmente a teoria neo-eurásiana *duginiana* parece entrar em sérias contradições, acusando-o de se adaptar politicamente a variadas tendências, as quais reorientaria os paradigmas de tendências imperialistas alemães para uma orientação russa focando num inimigo adaptado, os atlantistas. O mundo seria dividido, então, em três partes para Dugin (Shekhovtsov, p. 496, 2008) (i) ilha- mundial, países ocidentais; (ii) a Eurásia e (iii) o Rimland, Estados situados entre essas duas regiões.

4.3. Dugin e o Ocultismo Inglês

Consoante Shekhovtsov (2008), o argumento central da teoria é que a Rússia para se opor a Nova Ordem Mundial ocidental, deve propor uma ordem mundial alternativa, uma Nova Ordem Eurásiana, o renascimento russo como um Império. Para o autor (2008), Dugin seguindo a influência do ocultista britânico Aleister Crowley¹⁸, sobre o qual escreve dois ensaios, de acordo com Shekhovtsov (p. 500, 2008) o pensador russo tenta explicar porque as ideias de Crowley são significantes para a teoria eurásiana.

Dugin enxerga Crowley como um típico conservador revolucionário. Esse acredita que (Shekhovtsov, p.500, 2008) em um período de tempo há uma ‘tempestade de equinócios’ onde “ Essa é a época do triunfo do caos, a anarquia, revoluções, guerras e catástrofes. Essas

¹⁸ Polêmico ocultista inglês, conhecido pela publicação do *Livro da Lei* (1904), do movimento da Lei de Thelema e da polemização entorno da mistificação do número “666”.

ondas de horror são necessárias para lavar os remanescentes da velha ordem e limpar o espaço para uma nova.”¹⁹ . É, portanto, um momento considerado positivo. Em sua grande parte, o pensamento *duginiano* é acompanhado de elementos por vezes místicos, esotéricos e escatológicos para explicação das configurações geopolíticas atuais e para a necessidade de uma reconfiguração, um excepcionalismo russo.

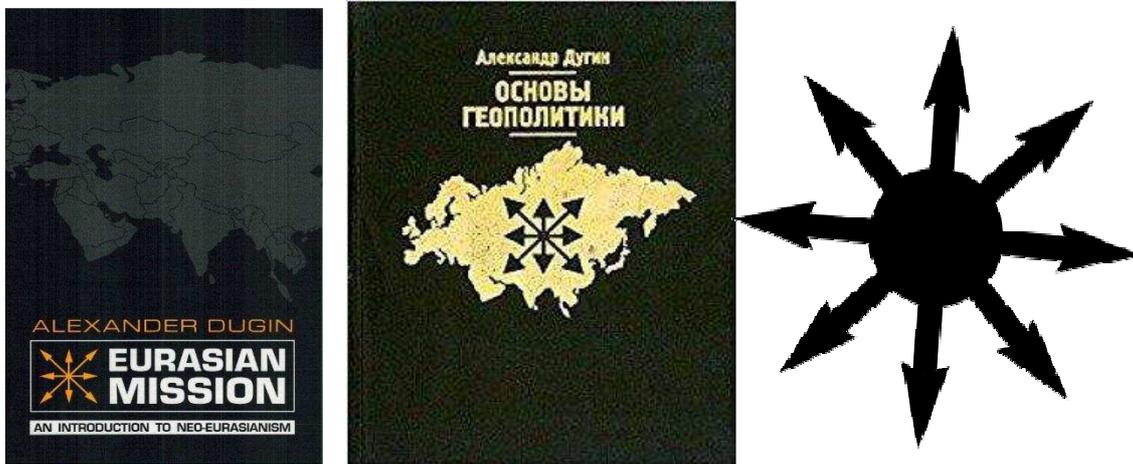
Outro elemento abordado sobre a influência do ocultismo inglês em Dugin, elencado por Shekhovtsov (2008), é a semelhança entre o símbolo do movimento eurasianista atual²⁰ e o símbolo da Estrela do Caos, segundo o autor, baseado nos escritos de Aleister Crowley sobre a Mágica do Caos, para a qual os praticantes (Shekhovtsov, p.501, 2008) “[...] admitem que [...] visões de mundo, teorias, crenças, opiniões, hábitos e até personalidades são ferramentas que podem ser escolhidas arbitrariamente em ordem para entender ou manipular o mundo que eles vêem e criam ao redor deles mesmos.”²¹. A única diferença entre os dois símbolos consiste em duas formas geométricas.

¹⁹ Tradução própria do Inglês: “*This is the epoch of the triumph of chaos, anarchy, revolutions, wars and catastrophes. These waves of horror are necessary to wash away the remnants of the old order and clear the space for the new one.*”

²⁰ Representando os vetores de vínculos (ou influência) entre a Eurásia/ Rússia e os setores de cooperação, como já abordados, Moscou-Teerã, Moscou-Berlim, Moscou-Tokio. Outra significação possível pode ser tida pelo aumento da propagação do próprio movimento neo-eurasiano pelo globo contra a dominação unilateral da globalização atlantista.

²¹ Tradução própria do Inglês: “[...] admit that [...] worldviews, theories, beliefs, opinions, habits and even personalities are tools that may be chosen arbitrarily in order to understand or manipulate the world they see and create around themselves.”

Figura 2. Semelhanças entre o símbolo eurasiático (esquerda) e a Estrela do Caos (direita)



Fonte: (esquerda) DUGIN, Alexander. Eurasian Mission. Arkto:2014; (direita)

<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/estrela-caos/> (S/I)

Dugin, na *Quarta Teoria Política* (2013), no capítulo *Metafísica do Caos*, afirma que o *Logos* na tradição Ocidental é dominante, surgindo com a filosofia grega, para o pensador a única maneira de um futuro para a humanidade seria a partir da superação da cultura ‘logocêntrica’, em direção ao caos. Para Dugin *Caos* como um pensamento além e renovado. Para o autor russo em QTP (p.250-251,2013):

Devemos explorar outras culturas além do Ocidente para tentar encontrar diferentes exemplos de filosofia inclusiva, religiões inclusivas e assim por diante [...] Apenas o Caos e uma filosofia alternativa baseada na inclusividade podem salvar a humanidade moderna e o mundo das consequências da degradação e decadência do princípio exclusivista chamado *Logos*. O *Logos* expirou e todos podem ser enterrados sob suas ruínas a menos que apelemos ao Caos e seus princípios metafísicos e usemo-los como base para algo novo. Esse poderia ser o ‘outro começo’ do qual falou Heidegger.

É possível enxergar que as críticas destinadas a Dugin sejam destinadas à sua identificação com autores de ideologia predominantemente fascistas, por vezes anti-semita, ou ligados a necessidade de um refazer de uma realidade (moderna/ atlantista) para a instauração de uma alternativa política planetária na qual a Rússia em seu destino seria a guia dessa nova Quarta Teoria Política unindo regiões que antes não possuíam seu espaço devido no sistema internacional.

5 Capítulo 5 – Dugin: o cérebro de Putin?

A anexação da Criméia e a intervenção na Ucrânia, para maioria dos autores já abordados, significou a tentativa russa de retomada do Império e das configurações soviéticas a partir da insuflação nacionalista, visto como uma das maiores, se não maior, derrota para a Rússia, o fim da URSS simbolizou tanto para Dugin quanto para Putin, analisado a partir de seus discursos, uma perda geopolítica e nacional.

Para Marcu (2007), a Rússia deve ser vista e estudada da mesma forma como ‘olham’ os russos, afirma que as tendências teóricas e políticas que ganharam espaço na Rússia pós-soviética defendem uma retomada nacionalista, a volta de seu ‘esplendor’ e seu retorno como grande potência no século XXI, não mais delegada a pequena potência regional. Para a autora (2007), é desejável retomar uma forma de competição com os EUA, sendo uma das maiores preocupações para projeção de poder regional russa a influência de grupos internacionais, vide EUA, OTAN e aliados.

A partir do afastamento de interferências externas na região, para Marcu (2007), a Rússia poderia criar uma constelação de países na sua zona de influência longe do espectro ocidental. Para a autora (2007) o que ocorreu nos últimos anos foi um desenvolvimento na ideia de expansão russa e em maneiras de unificar novamente a federação que foi prejudicada pelo vácuo de poder após o fim da URSS, levando a conflitos políticos que desestabilizaram a região.

De acordo com Marcu (2007) , portanto, houveram quatro tipos de conflitos nesse período: (i) o primeiro deles, o tipo de luta étnica como foi o caso principalmente na região do Cáucaso, tendo como exemplo a Chechênia, a Moldávia, Tadjiquistão, Azerbaijão, Armênia e Ucrânia (no evento da Criméia); (ii) um segundo tipo de conflito seria o de base energética e econômica, nas áreas do Mar Negro e Cáspio, a partir da intervenção estadunidense após o fim da Guerra Fria aproveitando o vácuo de poder instaurado com o fim do Pacto de Varsóvia e dos regimes comunistas na região, com o início dos anos 90 é ampliada a influência da OTAN aos países que até então eram satélites da URSS. É exemplo também a construção do oleoduto que exclui a Rússia para chegar até o mediterrâneo e Israel.

Como tipo (iii) de conflito, citado por Marcu (2007), as violações do Direitos Humanos e o excesso de uso de poder de ditadores nesses países ex- comunistas e o aumento da repressão à população, como foi o caso do Azerbaijão, do Cazaquistão e do Uzbequistão, entre outros. Além de discriminações frequentes e censura midiática. Por fim (iv) a problemática das fronteiras e o impacto dos ataques terroristas.

Para Marcu (2007), as teorias desenvolvidas nesse período de reordenação russo, principalmente, a partir da retomada do eurasianismo, levou a defesa da reintegração do território russo perdido com o fim da Guerra Fria, para estabilizar assim o *Heartland* do continente. É válido ressaltar, também, a volta da defesa da Rússia como grande potência, ou *Grande Rússia*, a partir da expansão russa e da restauração do equilíbrio global contra o poder de dominação dos EUA e restabelecendo as fronteiras.

Para os eurasianistas a Rússia deveria absorver mais do que os espaços da CEI e essa, segundo Marcu (2007), é a linha seguida não apenas pelos teóricos neo-eurasianistas, mas também pelo Kremlin. De acordo com Sousa (2012), essa tendência também é acompanhada pelo aumento da influência e presença na Rússia regionalmente e no sistema internacional, não apenas retomando e fortalecendo relações regionais, como a criação da União Econômica Eurasiática, porém também fomentando relações com países estratégicos como o Irã, Índia, Alemanha, como justificado pela teoria neo-eurasiana da cooperação por vetores Moscou-Teerã, Moscou-Délhi, Moscou- Berlim ou até Moscou-Ankara.

A Rússia pretende então um novo reposicionamento no cenário global do século XXI e as políticas atuais do Kremlin e mais necessariamente do presidente atual Vladimir Putin reiteram esse prospecto. O país, portanto, continua a desenvolver o seu aparato militar com intuito de reequilibrar a balança mundial com os EUA, pondo a Rússia como possível solução ou aliado para a inserção da influência da OTAN e dos EUA na região, é possível analisar a partir do discurso de teóricos e políticos o ressentimento anti- Ocidente e o sentimento expansionista, de fortalecimento em segurança, assim como do uso do discurso tradicionalista russo.

A União Econômica Eurasiática, como já citada, representa um novo processo de integração pós-soviética, defendida sempre pelo presidente Putin como forma de preservar a supremacia russa. É uma ferramenta estratégica russa para retomar sua projeção de poder regional e ajudar na reintegração, o desenvolvimento de uma ‘re-imperialização’ com Putin, de um ‘imperialismo pragmático’, conforme Lequire (2015), na agenda atual russa seguida pela figura do presidente é dado continuidade a restaurar a Rússia como polo de poder global e atrai, para isso, menores potências ao seu entorno.

Figura 3. Mapa da Anexação da Criméia



Fonte: <http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/34477/anexacao+de+crimeia+a+russia+e+destaque+da+semana+em+opera+mundi.shtml> (2014).

Em Estados que antes tiveram conflitos, ou que foi fomentado a russofobia como o caso da Geórgia, Ucrânia, Belarus seria necessário para a Rússia conquistar estabilidade na região, sendo a partir da União Econômica Eurasiana ou a partir das próprias similaridades culturais, sejam linguísticas, étnicas ou apoiada pelo Ortodoxia.

Para Ersen (2004), Dugin atrai teóricos tanto de direita quanto de esquerda, sendo constatada sua influência em círculos políticos, como por exemplo, no Ministério das Relações Exteriores russo com Yevgeny Primakov, Ersen (2004) afirma que por haver esse prestígio a teoria neo-eurasiana chega ao Kremlin e pessoas do grupo mais íntimo do presidente russo. Durante sua atuação, Primakov tinha posições semelhantes a certas afirmações da teoria neo-eurasiana, como: (i) a defesa da Rússia como um grande polo de poder; (ii) a afirmação da multipolaridade em vez da unipolaridade e o aumento das relações na região; (iii) alianças estratégicas com países que se sintam sua soberania e sobrevivência ameaçados pela unipolaridade estadunidense.

Conforme Ersen (2004), vários pontos defendidos por Primakov, segundo o autor afirma influenciado pelo neo-eurasianismo, tem continuação direta com Putin no poder e são postos em ação posteriormente. Com a indicação de Putin em 1999 e sua posse no ano 2000,

apesar do apoio do neo-urasianistas a sua figura inicialmente, suas tomadas de decisões iniciais caminharam de forma quase oposta aos eurasianistas.

Com o apoio aos EUA durante os acontecimentos do 11 de Setembro e da ‘Guerra ao Terror’, temendo um ataque à Rússia e para trazer legitimidade à Guerra na Chechênia, Putin foi fortemente criticado pelos teóricos neo-urasianos de maneira geral e Dugin que credita os ataques terroristas em solo ao encorajamento dos EUA ao terrorismo internacional.

Suas primeiras ações, elenca Ersen (2004), se somam primeiramente a eliminação das oligarquias que foram fortalecidas após a derrubada da URSS, segundo a reorganização da própria Federação, fortalecer a DUMA, e, posteriormente, desenvolver economicamente a região. Com as ingerências da OTAN e dos EUA, a Invasão dos EUA no Iraque, Putin reordena seu discurso e sua agenda política para um tom mais agressivo, declarando a necessidade de retomar a grandeza do país contra a unipolarização do Ocidente, reafirmando a utilidade da multilateralidade e a identidade eurasiana da Rússia.

Ersen (2004) desenvolve que Putin se mostra inicialmente mais pragmático do que nacionalista, mudando o discurso com a presença da OTAN nos Bálticos. Segundo o autor (2004) esse pragmatismo refletido inicialmente nas relações com o Ocidente é justificado na discrepância de poder, para que atritos não ‘tragam estragos’, seria (inicialmente) mais viável um caminho pelo pragmatismo ao ultranacionalismo.

Para Guennadi Zyuganov, segundo Tsygankov (2003), também influenciado pelas teorias eurasianistas, líder do partido comunista russo, afirma que a missão geopolítica da Rússia é pacificar e coordenar a região eurasiana, isolando-a do Ocidente, o país atualmente deveria acompanhar as aspirações expansionistas imperiais e soviéticas, dando continuação ao grande espaço russo para isso a hegemonia seria o caminho.

Tsygankov (2003) afirma ainda que quanto maior influência de teóricos como Alexander Dugin em círculos políticos e maiores pretensões expansionistas russa maior a probabilidade de confrontação russa com o Ocidente. Já para Sakrekoff (2016) esse expansionismo é presente em toda a história russa do império, passando pela URSS e atualmente na reordenação contemporânea russa. Continua afirmando que com Vladimir Putin, sua política mais agressiva é reflexo de uma crise de identidade russa, também demonstrada nas teorias neo-urasianas, pós Guerra Fria.

Sakrekoff (2016) declara que a influência da expansão russa na região desencadeia alguns conflitos na Eurásia: Geórgia em 2008, Ucrânia em 2014 são mais decisivos. Esse último levando a tomada da Criméia, apoiado pela opinião pública e construindo um autoritarismo geopolítico. Para o autor (2016), a Rússia não conseguirá sobreviver com o neo-

eurasianismo justamente por sua característica expansionista, demonstrando poder através de invasões.

Figura 4. Dugin em frente a um tanque durante a Guerra da Geórgia, 2008.



Fonte: <http://arussiaomundo.blogspot.com/2016/06/> (2016)

Sendo configurado para o mesmo como um reflexo histórico russo, onde tanto em sua formação da *Kiev Rus* quanto posteriormente sofre ataques e invasões de vizinhos, como exemplo do Império Mongol no ano de 1237, se fazendo necessário historicamente a presença de um expansionismo e um líder forte, para não ocorrer novas invasões e interferências. Para isso crer-se que a Rússia deve retomar seu espaço imperial, com Ivan, Pedro e Catarina, por exemplo, soviético, com o nacionalismo stalinistas principalmente durante a Segunda Guerra Mundial ou até mesmo na restauração do império Mongol, sendo a Rússia a guia.

Sakrekoff (2016) elenca as outras três correntes neo-eurasianistas russas além da desenvolvida por Alexander Dugin, porém todas elas utilizam a geopolítica clássica, são antiocidentais, enxergam a Rússia como a ponte entre as civilizações e como o *Heartland*, veem a democracia ocidental como impossível de ser aplicada na Rússia, são elas a corrente *civilizacionista*, *estabilizadora* e *geoeconomistas*. Para Tsygankov (2012), o ressurgimento dessas teorias eurasianistas são justificadas pela necessidade de reordenação russa pós URSS, sendo a ferramenta do expansionismo a forma como a Rússia manteria e ganharia mais poder no sistema internacional e regionalmente.

As correntes *civilizacionista* e *expansionista* são teorias que possuem maior aceitação com a nova elite militar russa na era Putin, por ser a guia dessa nova configuração proposta. A

Rússia deveria ter mais poder voltando a ser um império, para Sakrekoff (2016) essas ações coincidem com a política de poder exercida por Putin em conjunto com o crescimento de ‘ações autoritárias’. Essas duas teorias, principalmente a desenvolvida por Dugin, *expansionista*, possuem considerável influência nas mídias de massa, jornais acadêmicos, livros militares.

Durante o período das Revoluções Coloridas, em 2003 a Revolução Rosa na Ucrânia, em 2004 a Revolução Laranja na Geórgia, leva a uma estação de instabilidades na região, se agravando em 2008, segundo Sakrekoff (2016), sobre a situação na Geórgia, Dugin se pronuncia denunciando que os ataques das tropas de paz georgianos na região da Ossétia do Sul era genocídio logo depois o governo toma o mesmo discurso.

Segundo Shekhovtsov (2009), Dugin defende a necessidade de uma intervenção militar, fortemente publicada nos meios de comunicação declarando: “Tanques para Tbilisi! ”, e que aqueles que não seguirem não seriam russos. Dugin (2016) afirma ainda que as Revoluções Coloridas tinham como intuito trazer poder a esses países russófobos e pró-ocidentais, incluindo proximidade com a OTAN.

Para Dugin (2016) na Revolução Rosa, da Geórgia, foram utilizados métodos, apoiados pela OTAN e EUA, de sabotagens contra as tentativas de integração da CEI contra as tendências eurasiáticas. Na Revolução Laranja, na Ucrânia, contraria decisões russas, faz um ‘ataque’ à língua russa, e segundo Dugin (2016), uma reescritura da história afirmando ser a Ucrânia colonizada pelos russos. A intenção, portanto, dessas influências seria de criar uma forma de um novo cordão sanitário para impedir a atuação russa na Europa.

Em 2007, conforme cita Tsygankov (2012), na Conferência de Munique sobre Segurança, em seu discurso Putin tece críticas sobre a unipolaridade estadunidense, ao modelo de democracia único ocidental que se impõe a outros governos impossível de ser realizado, a crítica aos avanços da OTAN em direção às fronteiras russas, além do atraso econômico de pequenos Estados configurando-se como lucros para as grandes potências do sistema internacional, afirmando a necessidade para o ‘terceiro mundo’ em encontrar novas alternativas de desenvolvimento e contra a ideia de excepcionalidade ‘americana’.

Muitas alegações são feitas abordam a relação de Putin e Dugin, não necessariamente confirmado, e reafirmando a influência *duginiana* em círculos pessoais do presidente. Além das comparações entre a relação entre o último tsar Nicolau II e o místico russo e conselheiro da família real Grigori Rasputin²² e o governo e Dugin. A projeção de poder regional, a

²² Polêmico conselheiro da família Romanov no período pré- Revolução Russa.

centralização na Rússia, forte nacionalismo, Ocidente visto como o maior inimigo da Rússia, para Sakrekoff (2016) mostra a influência do neo-eurasianismo em Putin.

Para o próprio Dugin (2016) Putin é o soberano eurasiático que acompanha as mudanças geopolíticas na região (i) mantendo a soberania da Rússia contra influência e interferências externas, (ii) mantendo a unidade territorial e acabando com tendências separatistas. Para Dugin (2016) com o atual presidente surge uma nova oportunidade geopolítica e histórica para a expansão do *Heartland*.

Esse pensamento da influência neo-eurasiana *duginiana* é dominante na Rússia, está se tornando mais forte e influencia os tomadores de decisões no poder. Já para Lequire (2015) apesar de Dugin e Putin possuírem pontos em comum e haver influência, como a defesa a multipolaridade, a anexação da Criméia, a integração da região eurásiana, não necessariamente compartilham totalmente das mesmas ideias.

Para Lequire (2015), Putin possui um plano de ação mais pragmático e realista, sem uma ‘ideologia alternativa’, assim como Ukhurgunashvili (2015), para ele Putin não assume totalmente a ideologia neo-eurásiana. Lequire (2015) ainda afirma que apesar disso, a prova da influência de Dugin no governo é também sua grande presença na mídia russa.

Conforme Pryce (2013) o triunfo do neo-eurasianismo na geopolítica da região é refletido na criação e desenvolvimento da União Econômica Eurasiática, representando a procura e reafirmação de uma nova identidade regional russa, assim como, de acordo com o autor (2013), institucionalizando essa nova ideologia política, que também seria suportada por agentes próximos a Putin.

O ‘novo’ excepcionalismo russo, para Mosbey (2015), eleva o futuro da Rússia para derrotar o liberalismo e a modernidade, inaugurando também, uma Nova Direita propriamente russa. De acordo com Matsaberidze (2016), a revisão política após a Guerra Fria, defende a restauração da grande pátria russa ameaçada pelo poder do Ocidente, explica diretamente as ações russas na Geórgia (2008), Ucrânia (2014) e Síria (2015), assim como a mobilização das massas em apoio a liderança do presidente Putin, que segue três linhas citadas por Matsaberidze (2016), (i) a nostalgia imperial/ soviética, (ii) o autoritarismo e (iii) o apoio das massas.

Em artigo publicado pela *Times* intitulado *Rising Tsar*, Putin é mostrado como aquele em que é creditado fazer a Rússia grande novamente, e foi esse seu principal pretexto nas eleições de março de 2018, o qual é eleito em seu último mandato até 2024. É ainda relacionado a anexação da Criméia e em como a maioria da população conecta a uma nova fase de grandeza russa.

Dugin (2014) afirma que cerca de 71% dos russos pensam que a Rússia pertence a uma região a parte da Ásia e da Europa e que Putin possui o papel de levar o país a o nível internacional de superpotência novamente indo contra a pretensão unilateral do Ocidente, dos EUA principalmente, usando como ferramenta alianças com poderes da Eurásia, Alemanha, Irã, Japão, China.

Consoante Dugin (2014) Putin é um dos responsáveis pela mudança de mentalidade eurasiática, o qual proclama sua identidade e começa a carregar a Rússia em direção do seu fortalecimento, sendo essa a tendência, influenciando militares e população, e ainda enxergando o destino da Rússia e o potencial revolucionário da QTP em Putin. Por vezes o mesmo é mostrado como uma espécie de ‘salvador nacional’, como mostrado na matéria da BBC britânica *National Savior*, visto como único capaz de defender o país contra as teias do Ocidente, carregando sua imagem quase mística na mídia estatal.

Também é visto como responsável pela preservação de valores tradicionais e conservadores russos contra a modernidade ocidental, mostrado no peso do apoio da Igreja Ortodoxa russa em seu governo e em sua imagem, acompanhado da tradição ortodoxa capaz de retomar o renascimento da identidade russa.

Em maio de 2018 pôde-se observar durante o evento anual para comemorar a vitória da URSS na Segunda Guerra Mundial, ao longo do desfile militar a insuflação da mídia estatal ao sentimento da pátria russa, e claro, em mostrar a transformação militar russa dos últimos anos, não apenas para a população, mas para o Ocidente e prováveis compradores do armamento russo. Mostrando o resultado do aumento do investimento militar da Rússia no decurso dos governos de Putin, refletido em novas tecnologias armamentistas. Através do evento o presidente pôde afirmar a necessidade de proteção para o país contra possíveis novas ameaças ou novas ‘reivindicações de excepcionalidades’, como o governo hitlerista.

Dugin (2014) denomina o fortalecimento militar na era Putin do ‘amanhecer nas botas’ reviver a própria história e identidade russa. No início de 2018, em seu discurso para a Assembleia Federal russa Putin reafirma a descoberta da conquista de novos espaços e territórios, reiterando principalmente o aumento da capacidade das forças armadas, mais moderna, com novos mísseis a propulsão nuclear de alcance intercontinental, um míssil hipersônico, drones subaquáticos, armas a laser, entre outros armamentos bélicos inovadores.

Putin (2018) proclama que foram desenvolvidas em resposta às ações unilaterais dos EUA, em relação a expansão do mesmo e da OTAN em direção ao leste, cada vez mais próximo da Rússia, desenvolvendo-os como forma de defesa de seu território que após da URSS perdeu cerca de 23,8% de seu espaço, somado a seu armamento antigo já obsoleto.

Putin promete que é assim que a Rússia irá reagir, com o desenvolvimento de novas armas estratégicas, levando a um possível agressor a pensar em dobro antes de atingir o país. Putin (2018) ainda insiste que qualquer uso de arma nuclear contra a Rússia ou qualquer aliado será considerado ataque nuclear no país e haverá retaliações imediatas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se a partir da análise de literatura desenvolvida que a presença e influência do cientista político russo Alexander Dugin, assim como a continuação de sua teoria neo-eurasiana para Quarta Teoria Política, é sentida tanto na influência nas massas, nos veículos de mídia, em círculos militares e políticos mais próximos do presidente Vladimir Putin, e claro, em trabalhos acadêmicos e teóricos.

Faz-se, portanto, necessárias maiores produções sobre o tema e, também, com conteúdo que fuja as teorias *mainstream* de Relações Internacionais, analisando determinado objeto, sujeito, grupo ou país, a partir de suas próprias teses, ou seja, Alexander Dugin visto por acadêmicos e críticos, assim como visto por ele mesmo. Uma Rússia estudada principalmente por atores e especialistas russos ou regionais e não por princípios desenvolvidos em um único centro global teórico.

Foi possível analisar a transição e retomada da teoria eurásiana, primeiramente desenvolvida por teóricos do século XX, defendendo a unicidade russa na Eurásia, sua necessidade de expansão e valorização de sua própria identidade. Posteriormente, pós-Guerra Fria a necessidade de uma nova ideologia para a Rússia, desenvolvida não apenas por Dugin, mas por outros estudiosos russos de outras correntes de pensamento e de outros neo-eurasianismos.

O neo-eurasianismo trabalhado foi o *duginiano*, o mais difundido na Rússia atualmente. Dugin une geopolítica clássica para mostrar que a Rússia ocupa um espaço caracterizado pelo *Heartland* na Eurásia e faz parte de um conflito histórico global entre forças atlantistas ocidentais e terrestres representada pela Rússia, refletido no século XX como a Guerra Fria, é um conflito que para Dugin tende a continuar e se fortalecer.

Para o autor, essas forças atlantistas tem como objetivo impor sua cultura, forma de pensamento, dogmas, sistema político e econômico como sendo único e verdadeiro para o resto do mundo, criando um sistema unipolar com liderança única do Ocidente, mais necessariamente dos EUA. Para isso, Dugin defende um sistema multipolar e multivetor, prezando pela multiculturalidade, por formas de sistemas políticos pluriverso, multiétnico, que dependeria inteiramente do desenvolvimento da Rússia como grande potência, de sua expansão territorial, sua unificação e sua relação com países estratégicos para esse contrabalanceamento.

O sistema de pan-regiões, segue o modelo da geopolítica clássica, é desenvolvido no neo-eurasianismo, Dugin afirma a partir da ideia de um mundo multipolar, a necessidade de

cooperação entre Moscou e vários outros Estados capazes de balancear com a estrutura unipolar atlanticista, por exemplo, o vetor Moscou-Teerã, Moscou- Berlin, Moscou- Tóquio.

Um mundo multipolarizado seria dividido em quatro grandes espaços, onde nenhuma potência faria interferência em outro espaço. Sendo uma das principais críticas, também sofridas por Dugin, a relação de uma grande potência dentro de seu grande espaço com Estados menores, se não se tornaria imperialismos regionais e imposições de culturas (e etnias) dominantes em determinados espaços.

Outro ponto abordado por Dugin na QTP na ideia de superação das três ideologias políticas da modernidade: o comunismo, o fascismo e o liberalismo; consiste na adoção de um diferente sujeito político caracterizado pelo *Dasein* heideggeriano, que, segundo Dugin, seria capaz de elevar o ideal da QTP através da história.

O protótipo de um novo sujeito, assim como, as ideias expansionistas, conservadoras de valores russos, posição anti ocidental, contra modernidade, a influência de Julius Evola em Dugin, entre outras análises feitas também nos governos Putin, como uma espécie de confiança demasiada no líder, tido como ‘salvador’ ou, para Dugin ‘guia da Eurásia’, aspectos imperiais de sua geopolítica, leva aos críticos do neo-eurasianismos a abordarem um aspecto da teoria mais ligado a terceira ideia política moderna: o fascismo.

Por fim, apesar da continua discursão sobre a influência ou não da QTP/ neo-eurasianismo *duginiano* nos governos de Putin dos últimos anos. É claramente possível, fazermos comparativos com a própria teoria neo-eurasiana, com o ressurgimento e popularização da mesma, a ligação de Alexander Dugin com círculos pessoais do presidente, assim como o próprio Estado (como mostra em seu antigo cargo na Universidade de Moscou) e em grupos militares, mostrado no endurecimento nos discursos atuais de Putin e Moscou, bem como em ações estratégicas de cunho mais expansionista, mais conservador, valorizando a identidade russa e a necessidade de retomada global do poder russo, tanto quanto a posição russa cada vez mais anti Ocidente e anti modernidade.

Assim sendo, é complexo fazer prognósticos do que possa realmente ocorrer no palco internacional, mas com os últimos discursos feitos por Putin em 2018, com o desenvolvimento de novas armas estratégicas, tendências expansionistas, é possível que até o final de seu último mandato esses rumos continuem e se aprimorem, em continuo apoio teórico *duginiano* para o ressurgimento do país como polo de poder e o assíduo comprometimento do presidente Vladimir Putin em fazer a Rússia ‘grande’ novamente.

REFERÊNCIAS

- AFP. Ao volante de um caminhão, Putin inaugura ponte Crimeia-Rússia. 2018. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/mundo/no-volante-de-um-caminhao-putin-inaugura-ponte-crimea-russia/>>. Acesso em: 04 jun. 2018.
- AFP/ REUTERS. Putin e Merkel defendem gasoduto ao qual EUA se Opõem. 2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/putin-merkel-defendem-gasoduto-ao-qual-eua-se-opoem-22695983>>. Acesso em: 04 jun. 2018.
- ANSA. Putin revela ter míssil nuclear ‘invencível’ em discurso anual. 2018. Disponível em: <<https://istoe.com.br/putin-revela-ter-missil-nuclear-invencivel-em-discurso-anual/>>. Acesso em: 04 jun. 2018.
- BARBASHIN, Anton; THOBURN, Hannah. Putin's Brain: Alexander Dugin and the Philosophy Behind Putin's Invasion of Crimea. 2014. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/russia-fsu/2014-03-31/putins-brain>>. Acesso em: 04 jun. 2018.
- BASSIN, Mark. Geographies of imperial identity. In: LIEVEN, Dominic. THE CAMBRIDGE HISTORY OF RUSSIA: VOLUME I I Imperial Russia, 1689–1917. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. Cap. 3. p. 45-63.
- BBC BRASIL. Como a vida mudou na Rússia de Vladimir Putin explicado em 10 gráficos. 2018. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/internacional-43380274>>. Acesso em: 04 jun. 2018.
- BBC BRASIL. O que se sabe sobre a polêmica relação de Trump com a Rússia. 2018. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/internacional-42711228>>. Acesso em: 04 jun. 2018.
- BONFIM, Uraci Castro. Geopolítica. ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO – ECEME, 2005.
- BROWN, Archie. The Gorbachev era. In: SUNY, Ronald Grigor. THE CAMBRIDGE HISTORY OF RUSSIA: volume i i i The Twentieth Century. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. Cap. 12. p. 316-351.
- DUGIN, Alexander. A Ideia Eurasiana, 2004.
- DUGIN, Alexander. A Quarta Teoria Política. 2. ed. Curitiba: Editora Austral, 2013. 258 p.
- DUGIN, Alexander. Eurasian Mission: An Introduction to Neo-Eurasianism. Arktos:2014.
- DUGIN, Alexander. Geopolítica da Rússia Contemporânea. 3. ed. Lisboa: Instituto de Altos Estudos em Geopolítica & Ciências Auxiliares, 2016. 108 p.
- DUGIN, Alexander. PUTIN VS PUTIN: Vladimir Putin Viewed from the Right. Budapeste: Arktos, 2014. 760 p.

DUNLOP, John B.. Aleksandr Dugin's Foundations of Geopolitics. Demokratizatsiya, Washington, v. 1, n. 12, p.1-16, jan. 2004.

EFE. Putin e Modi abordam relações entre Rússia e Índia em Sochi. 2018. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2018/05/21/putin-e-modi-abordam-relacoes-entre-russia-e-india-em-sochi.htm>>. Acesso em: 04 jun. 2018.

ERŞEN, Emre. NEO-EURASIANISM AND PUTIN'S 'MULTIPOLARISM' IN RUSSIAN FOREIGN POLICY. Turkish Review Of Eurasian Studies, Istanbul, v. 1, n. 1, p.1-38, abr. 2004. Anual.

FRANKLIN, Simon. Kievan Rus' (1015–1125). In: PERRIE, Maureen. THE CAMBRIDGE HISTORY OF RUSSIA: VOLUME I From Early Rus' to 1689. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. Cap. 4. p. 73-97.

FREIRE, Maria Raquel; VINHA, Luís da. Política externa: modelos, atores e dinâmicas. Política Externa: as relações internacionais em mudança, [s.l.], p.15-61, 2017. Imprensa da Universidade de Coimbra. http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0995-9_1.

G1. Leia a íntegra do discurso em que Putin reconhece a Crimeia. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/03/leia-integra-do-discurso-em-que-putim-reconhece-crimea.html>>. Acesso em: 04 jun. 2018.

GUÉNON, René. La crise du monde moderne. S.i: S.i, 1927.

HAUSHOFER, Karl. Geopolitik des Pazifischen Ozeans:: Studien über die Wechselbeziehungen zwischen Geographie und Geschichte. S.i: S.i, 1924.

HEIDEGGER, Martin. Ser e Tempo. Campinas: Editora Unicamp, 2012. 1200 p. Tradução de: Fausto Castilho.

HOPF, Ted. Moscow's foreign policy, 1945–2000: identities, institutions and interests. In: SUNY, Ronald Grigor. THE CAMBRIDGE HISTORY OF RUSSIA: volume i i i The Twentieth Century. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. Cap. 24. p. 662-705.

KOTKIN, Stephen. Russia's Perpetual Geopolitics: Putin Returns to the Historical Pattern. 2016. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/ukraine/2016-04-18/russias-perpetual-geopolitics>>. Acesso em: 04 jun. 2018.

LARUELLE, Marlene. Aleksadr Dugin:: A Russian Version of the European Radical Right?. Occasional Papers Kennan Institute, Washington, v. 294, n. 1, p.1-32, jan. 2006.

LEQUIRE, Peter Brickey. Putin and the West:: The Politics of Eurasianism. The Point: A Journal Of Ideas, S/L, v. 9, n. 1, p.37-51, jan. 2015.

LIEVEN, Dominic et al. THE CAMBRIDGE HISTORY OF RUSSIA: VOLUME I I Imperial Russia, 1689–1917. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. 806 p.

LOHR, Eric. War and revolution, 1914–1917. In: LIEVEN, Dominic. THE CAMBRIDGE HISTORY OF RUSSIA: VOLUME I I Imperial Russia, 1689–1917. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. Cap. 31. p. 655-669.

LOWE, Christian; OSBORN, Andrew. Putin assiste a desfile de "armas invencíveis" da Rússia. 2018. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/mundo/putin-assiste-a-desfile-de-armas-invenciveis-da-russia-na-praca-vermelha,1d56b695220127aa5eae0c77ab739c5070qw6m2o.html>>. Acesso em: 04 jun. 2018.

MACKINDER, Halford John. Britain and the British seas. S.i: S.i, 1902.

MATOS, Dídimo. O neo-eurasianismo e o redespertar russo. Revista de Geopolítica, Natal, v., n.2, p.19, dez.2012. Disponível em: <http://www.revistageopolitica.com.br/index.php/revistageopolitica/article/viewFile/51/49>>. Acesso em: 04 jun. 2018.

MATSABERIDZE, David. THE RUSSIAN REVISIONISM AND THE FATE OF THE EUROPEAN NEIGHBOURHOOD POLICY. Centre For European Studies, Tbilisi, v. 1, n. 1, p.1-9, jan. 2016.

MARCU, Silvia. LA GEOPOLÍTICA DE LA RUSIA POSTSOVIÉTICA: DESINTEGRACIÓN, RENACIMIENTO DE UNA POTENCIA Y NUEVAS CORRIENTES DE PENSAMIENTO GEOPOLÍTICO. Scripta Nova: REVISTA ELECTRÓNICA DE GEOGRAFÍA Y CIENCIAS SOCIALES, Barcelona, v. 11, n. 253, p.1-45, dez. 2007.

MCFAUL, Michael. The Russian Federation. In: SUNY, Ronald Grigor. THE CAMBRIDGE HISTORY OF RUSSIA: volume i i i The Twentieth Century. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. Cap. 13. p. 352-380.

MELLO, Leonel Itaussu Almeida. Quem tem medo da geopolítica? São Paulo: Edusp, 1999. 228 p.

MOSBEY, John Cody. Political Theology:: Aleksandr Dugin and the Fourth Political Theory. Irish School Of Ecumenics, Dublin, v. 1, n. 1, p.1-25, 10 mar. 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/315450362_Political_Theology_Aleksandr_Dugin_and_the_Fourth_Political_Theory>. Acesso em: 04 jun. 2018.

MOSCOU. Kremlin. President Of Russia. Presidential Address to the Federal Assembly: The President of Russia delivered the Address to the Federal Assembly. The ceremony took place at the Manezh Central Exhibition Hall.. 2018. Disponível em: <<http://en.kremlin.ru/events/president/news/56957>>. Acesso em: 04 jun. 2018.

MUNDO, A Rússia e O. Dugin sobre o Brexit: vitória do projeto russo e mais um passo na guerra contra o Ocidente.2016. Disponível em: <<http://arussiaeomundo.blogspot.com/2016/06/>>. Acesso em: 04 jun. 2018.

ONTIVEROS, Eva. Como Putin virou Putin: os momentos que transformaram um burocrata da KGB no homem mais poderoso da Rússia. 2018. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/internacional-43419942>>. Acesso em: 04 jun. 2018.

OPERA MUNDI. Anexação de Crimeia à Rússia é destaque da semana em Opera Mundi. 2014. Disponível em: <http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/34477/anexacao+>

de+crimeia+a+russia+e+destaque+da+semana+em+opera+mundi.shtml>. Acesso em: 04 jun. 2018.

PERRIE, Maureen et al (Ed.). THE CAMBRIDGE HISTORY OF RUSSIA: VOLUME I From Early Rus' to 1689. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. 824 p.

PRYCE, Paul. Putin's Third Term:: The Triumph of Eurasianism?. Romanian Journal Of European Affairs, Bucareste, v. 13, n. 1, p.1-19, mar. 2013.

RALEIGH, Donald J.. The Russian civil war, 1917–1922. In: SUNY, Ronald Grigor. THE CAMBRIDGE HISTORY OF RUSSIA: volume i i i The Twentieth Century. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. Cap. 5. p. 140-167.

ROBERTS, J.m.. O Livro de Ouro da História do Mundo: Da Pré-História à Idade Contemporânea. 12. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003. 812 p

ROBINSON, Adam. Putin cast as national saviour ahead of Russia election. 2018. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-europe-42707957>>. Acesso em: 04 jun. 2018.

RUSHBROOK, Jonathan. Against the Thallasocracy: Fascism and Traditionalism in Alexander Dugin's Neo-Eurasianist Philosophy. 2015. 84 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Transatlantic Ma Program In East-european Studies, Centre For Baltic Studies, University Of Tartu, Tartu, 2015.

SAKREKOFF, Erielle. THE IMPACT OF POST-SOVIET DE FACTO STATES ON RUSSIAN INFLUENCE. 2016. 51 f. Tese (Doutorado) - Curso de International Relations & Russian Studies, International And Comparative Politics Department, The American University Of Paris, Paris, 2016.

SEVIM, Tuğçe Varol. Eurasian Union:: A Utopia, a Dream or a Coming Reality?. Eurasian Journal Of Business And Economics, Tubitak, v. 12, n. 6, p.43-62, jan. 2013.

SHAW, Denis J. B.. Russia's geographical environment. In: PERRIE, Maureen (Ed.). THE CAMBRIDGE HISTORY OF RUSSIA: VOLUME I From Early Rus' to 1689. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. Cap. 2. p. 19-43.

SHEKHOVTSOV, Anton. Aleksandr Dugin's Neo-Eurasianism: The New Right à la Russe1. Religion Compass, [s.l.], v. 3, n. 4, p.697-716, jul. 2009. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1749-8171.2009.00158.x>.

SHEKHOVTSOV, Anton; UMLAND, Andreas. Is Aleksandr Dugin a Traditionalist? “Neo-Eurasianism” and Perennial Philosophy. The Russian Review, Pittsburgh, v. 68, n. 1, p.662-678, out. 2009.

SHEKHOVTSOV, Anton. The Palingenic Thrust of Russian Neo-Eurasianism: Ideas of Rebirth in Aleksandr Dugin's Worldview1. Totalitarian Movements And Political Religions, [s.l.], v. 9, n. 4, p.491-506, 14 nov. 2008. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/14690760802436142>.

SHEPARD, Jonathan. The origins of Rus' (c.900–1015). In: PERRIE, Maureen. THE CAMBRIDGE HISTORY OF RUSSIA: VOLUME I From Early Rus' to 1689. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. Cap. 3. p. 47-72.

SHEVCHENKO, Vitaly. Russian Orthodox Church lends weight to Putin patriotism. 2015. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-europe-33982267>>. Acesso em: 04 jun. 2018.

SILVIUS, Ray. The Russian State, Eurasianism, and Civilisations in the Contemporary Global Political Economy. Journal Of Global Faultlines, Winnipeg, v. 2, n. 1, p.44-69, abr. 2014.

SÍMBOLOS, Dicionário de. Estrela do Caos: Significado dos Símbolos e Simbologias. Disponível em: <<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/estrela-caos/>>. Acesso em: 04 jun. 2018.

SMITH, S. A.. The Revolutions of 1917–1918. In: SUNY, Ronald Grigor. THE CAMBRIDGE HISTORY OF RUSSIA: volume i i i The Twentieth Century. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. Cap. 4. p. 114-139.

SOUSA, Danilo Rogerio de. A Nova Geopolítica Russa e o Eurasianismo. Revista de Geopolítica, Natal, v. 3, n. 2, p.61-70, dez. 2012. Disponível em: <<http://www.sectesco.org/EN/>>. Acesso em: 04 jun. 2018.

STEINBERG, Mark D.. Russia's fin de si`ecle, 1900–1914. In: SUNY, Ronald Grigor. THE CAMBRIDGE HISTORY OF RUSSIA: volume i i i The Twentieth Century. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. Cap. 2. p. 67-93.

SUNY, Ronald Grigor et al (Ed.). THE CAMBRIDGE HISTORY OF RUSSIA: volume i i i The Twentieth Century. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. 883 p.

TEIXEIRA, José Achilles Abreu Jorge. O PENSAMENTO GEOPOLÍTICO DA RÚSSIA NO INÍCIO DO SÉCULO XXI E A GEOPOLÍTICA CLÁSSICA. Revista da Escola de Guerra Naval, Rio de Janeiro, v. 1, n. 13, p.122-146.

TSYGANKOV, Andrei P.. Assessing Cultural and Regime-Based Explanations of Russia's Foreign Policy. 'Authoritarian at Heart and Expansionist by Habit'? Europe-asia Studies, [s.l.], v. 64, n. 4, p.695-713, jun. 2012. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/09668136.2012.671568>. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09668136.2012.671568>>. Acesso em: 04 jun. 2018.

TSYGANKOV, Andrei P.. Change and Continuity in Russia's Foreign Policy. Russian Analytical Digest, São Francisco, v. 1, n. 102, p.1-3, 08 mar. 2012.

TSYGANKOV, Andrei. Crafting the State-Civilization Vladimir Putin's Turn to Distinct Values. Problems Of Post-communism, [s.l.], v. 63, n. 3, p.146-158, 21 abr. 2016. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/10758216.2015.1113884>. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/10758216.2015.1113884>>. Acesso em: 04 jun. 2018.

TSYGANKOV, Andrei P.. HONOR IN INTERNATIONAL RELATIONS: RUSSIA AND THE WEST FROM ALEXANDER TO PUTIN. Irex, São Francisco, v. 1, n. 1, p.1-8, set. 2010.

TSYGANKOV, A.p.. Mastering space in Eurasia: Russia's geopolitical thinking after the Soviet break-up. *Communist And Post-communist Studies*, [s.l.], v. 36, n. 1, p.101-127, mar. 2003. Elsevier BV. [http://dx.doi.org/10.1016/s0967-067x\(02\)00055-7](http://dx.doi.org/10.1016/s0967-067x(02)00055-7).

TSYGANKOV, Andrei P.; TSYGANKOV, Pavel A.. National ideology and IR theory: Three incarnations of the 'Russian idea'. *European Journal Of International Relations*, [s.l.], v. 16, n. 4, p.663-686, 24 fev. 2010. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/1354066109356840>.

TSYGANKOV, Andrei P.. Russia and Global Governance in the Post-Western World. *Russian Analytical Digest*, São Francisco, v. 114, n. 1, p.2-12, 04 jun. 2012.

TSYGANKOV, Andrei P.. The heartland no more: Russia's weakness and Eurasia's meltdown. *Journal Of Eurasian Studies*, [s.l.], v. 3, n.1, p.1-9, jan. 2012. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.euras.2011.10.001>. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1879366511000224?via=ihub>>. Acesso em: 04 jun. 2018.

UKHURGUNASHVILI, Giorgi. 'PUTIN'S BRAIN'? GEOPOLITICS OF ALEKSANDR DUGIN. *Fakulta Polických Vied A Medzinárodných Vztahov Umb, Banská Bystrica*, v. 1, n. 1, p.1-14, jan. 2015.

UMLAND, Andreas. Alexander Dugin: A Russian scarecrow. *New Eastern Europe: A Bimonthly Dedicated to Central And Eastern Europe*. Krakow, p. 1-10. 20 mar. 2017. Disponível em: <<http://neweasterneurope.eu/interviews/2295-a>>. Acesso em: 04 jun. 2018.

UMLAND, Andreas. Aleksandr Dugin's transformation from a lunatic fringe figure into a mainstream political publicist, 1980–1998:: A case study in the rise of late and post-Soviet Russian fascism. *Journal Of Eurasian Studies*. Eichstaett-ingolstadt, p. 144-152. 21 maio 2010. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1879366510000242>>. Acesso em: 04 jun. 2018.

UMLAND, Andreas. Post-Soviet Neo-Eurasianism, the Putin System, and the Contemporary European Extreme Right. *Perspectives On Politics*, [s.l.], v. 15, n. 02, p.465-476, jun. 2017. Cambridge University Press (CUP). <http://dx.doi.org/10.1017/s1537592717000135>.

ZYGAR, Mikhail. Rising Tsar: Putin Believes He's Destined to Make Russia Great Again. And He's Just Getting Started. 2018. Disponível em: <<http://time.com/magazine/south-pacific/5210609/march-22nd-2018-vol-191-no-12-u-s/>>. Acesso em: 04 jun. 2018.